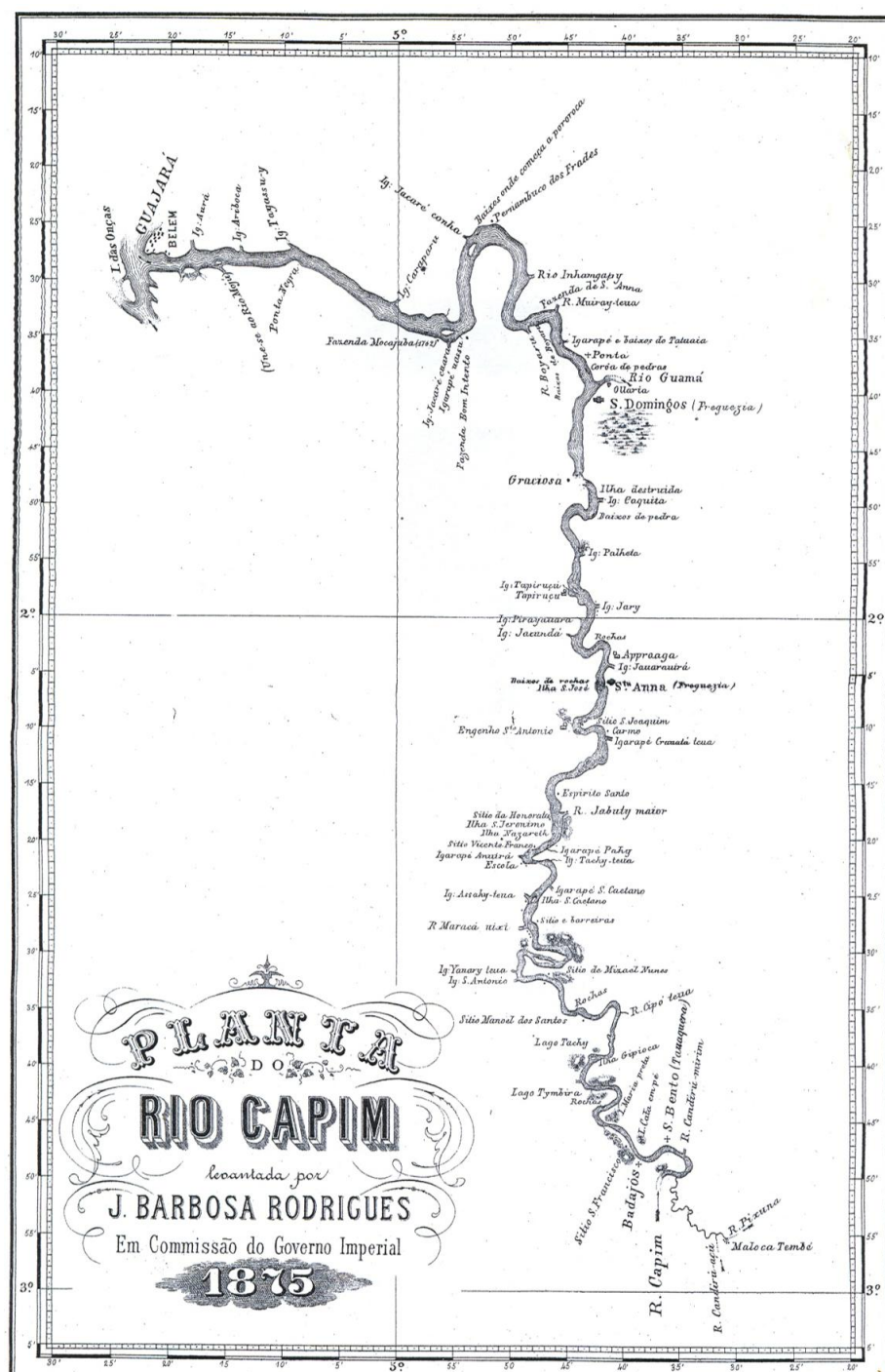




Relatório da II Etapa

EXCURSÃO DE QUIANDEUA A GRACIOSA



Universidade Federal do Pará

Projeto de Pesquisa "Diagnóstica do Engenho Aproaga e seu Entorno a ser Realizado em
Parceria com as Comunidades Locais"

Processo no IPHAN: Processo nº 01492.000372/2011-75

Contrato Nº 06/2012

PROJETO DE PESQUISA

Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga

III ETAPA Excursão de Quiandeua a Graciosa

Belém

Abril/2013

Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga

Profa. Dra. Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Coordenadora

Pesquisadores:

- *Irislane Pereira Moraes*
Licenciada em Ciências Sociais – UFPA – Campus de Marabá. Especialista em Arqueologia Pública
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGA/UFPA
- *Ângelo Pessoa Lima*
Graduado em Ciências Sociais - UFMG
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGA/UFPA
- *Eliana Ramos Ferreira*
Bacharel em História – UFPA
Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- *Fernando Marques*
Graduado em Arquitetura – UFPA
Doutor em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- *Manoel Clauderi Coutinho da Luz*
Graduando do Curso de Educação do Campo - Campus de Marabá – UFPA

Colaboradores

- *Edilena Santos* - Professora da Escola Santa Maria II -Taperinha
- *Ulisses Guimarães*
Engenheiro Ambiental – UFPA, Mestre em Geologia - UFPA/PPGEO

UFPA

Fotografias: Ângelo Lima, Irislane Pereira de Moraes, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Manoel Clauderi Coutinho da Luz, Rosa Acevedo Marin

Diagramação: Rosa E. Acevedo Marin

Revisão: Raimundo Roberto de Oliveira e Rosa E. Acevedo Marin

Mapa: Ulisses Guimarães

Capa: Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Foto da Capa: Planta do Rio Capim - J. Barbosa Rodrigues, Rio de Janeiro, 1875.

Catálogo na fonte

Acevedo Marin, Rosa Elizabeth

A173p Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga / Rosa Elizabeth Acevedo Marin *et al.* — Belém : Universidade Federal do Pará – UFPA, 2012.
38 f.+anexos

Pesquisa Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga, Município de São Domingos do Capim – Estado do Pará.

Inclui bibliografia.

Inclui: Fotografias, Transcrição de Documentos.

1. Território – Quilombolas – Tradição – Pará, Séc. XVIII-XXI, Memória. II. Universidade Federal do Pará. III. Título.

Apresentação

Iniciamos por recapitular o atraso desta atividade no cronograma do Projeto Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga, Município de São Domingos do Capim – Estado do Pará. Inicialmente, foi previsto que sua realização ocorreria entre 15 a 18 de junho, estação seca que favoreceria as visitas, o que significa descer nos povoados, observar diversos aspectos, inclusive pelas condições do terreno e seus riscos. Prevendo os atrasos na liberação dos recursos foi reagenda para a terceira semana de julho de 2012. Os quase três meses de paralisação do projeto e as idas e voltas entre a entrega do II Relatório Parcial e liberação dos recursos fez que finalmente pudéssemos agendar para o mês de março de 2013. Significa que temos atraso de nove meses no cronograma e já contamos a segunda prorrogação.

Apesar destas limitações manifestamos contentamento pela experiência de pesquisa de campo que representou percorrer um longo trecho do sinuoso rio Capim. O objetivo desta excursão é realizar o reconhecimento da ocupação por povos indígenas e quilombolas deste rio. Conforme estava previsto no projeto foram realizadas observadas, houve registro de fotos, entrevistas e filmagens com intuito de conhecer a memória sobre o território e o patrimônio dos povos de comunidades tradicionais do rio Capim.

O projeto da Excursão de Quiandeua a Graciosa (que efetivamente teve como ponto final a vila de Santana do Capim) tinha a proposta de registros de Arqueologia História e de uma etnografia da ocupação do rio Capim. Ambas as propostas são ambiciosas, pois é preciso reconhecer a diversidade das situações a serem observadas e as limitações de tempo ou mesmo as condições climáticas que foram pouco favoráveis. A chuva impediu fazer parte do trajeto, também impedia descer e permanecer nos povoados. Houve escolha de alguns povoados.

No planejamento da Excursão contamos com a colaboração da Associação Quilombola Unidos do Rio Capim – AQURC que intermediou a relação com o Sr. Josue Pinto Pereira, dono do barco Josuo, que conduziu a equipe na excursão.

Por força do trajeto a ser realizado permanecemos em Ribeira, como ponto de apoio para a próxima escala no povoado de Quiandeua. O trabalho de campo consistiu em entrevistas. O Sr. Raimundo Aires, 73 anos tem a performance de um narrador. O seu pai

foi Raimundo Cristino da Anunciação que se uniu com Bonifacia Antoniades, nascida em São Bento. Lembra-se dos avós Josefa e Horácio, que “foi escravo para lá baixo”. De este narrador escutamos sentenças profundas. Uma delas situava o sentido precário da liberdade conquistada: “nos somos escravos, somos libertos... naquele tempo éramos mandados”.

Acompanhou a entrevista a Sra. Marlete que indicou os povoados, cotejando com o conhecimento do Sr. Raimundo, que viajou com a idade de 15 anos pelo rio Capim e conheceu o engenho Aproaga.

O segundo diálogo foi estabelecido com o Sr. Antonio dos Santos Mendes, liderança da Associação dos Quilombolas do Rio Capim, recém inaugurada.

O Sr. José Luiz dos Santos, 45 anos, grande conhecedor do rio Capim foi o “guia” permanente e situou cada povoado, inclusive os nomes de alguns dos sítios.

Nova Vida foi a segunda comunidade e ali foi entrevistada a Sra. Joana Maria Teixeira Oliveira, Delegada Sindical do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Ipixuna do Pará. Ela antecipou informações sobre as situações de conflito e expulsão de agricultores pela IMERYS que realiza a expansão do projeto caulim.

A equipe desceu em Cajueiro e fez a tentativa de conversar com três homens que trabalhavam na casa de farinha. Cajueiro e o igarapé homônimo estão experimentando as pressões da mineração de caulim. Algumas famílias já saíram do povoado.

Por força das relações destes povoados com esse empreendimento a equipe tomou a decisão de chegar até Santa Maria do Bacuri, uma vila com casas de madeira e acesso por um ramal para Ipixuna. A entrevista com a Sra. Nazaré Tavares, 58 anos, trouxe a visão do tipo de relacionamento estabelecido pelo empreendimento com a oferta de empregos, de benefícios, como a estrada.

O grupo de São Mateus tem procurado aproximação com a AQURC, como parte de sua política identitária como quilombola. Neste povoado foi realizada uma apresentação do projeto e em seguida entrevista com o Sr. Ricardo e sua filha Eliete.

Assim no referente aos objetivos estes foram cumpridos, especificamente, a reunião com membros da AQURC. Destaca-se que o presidente dessa Associação acompanhou a excursão. No seu depoimento informou não ter conhecimento do alto Capim. As reuniões com os professores coincidiram com os horários disponíveis, inclusive levando informações de interesse sobre o Projeto de Educação Quilombola. Irislane Pereira de Moraes, professora da SEDUC enfatizou para os professores e à AQURC a necessidade de se inserir e conquistar estas políticas.

Ainda ressalta-se a realização da Oficina O patrimônio Cultural e a Arqueologia sob responsabilidade do Dr. Fernando Luis Tavares Marques, professor da UFPA e pesquisador do Museu Emilio Goeldi. Precisamente, o relatório deste pesquisador detalha a dinâmica dessa oficina e os seus resultados.

Ainda sobre esta etapa informa-se que a pesquisa no Arquivo Público foi impedida pelo fechamento desta instituição. No Centro de Memória está sendo levantada informação sobre a família Chermont de Miranda e as transações do engenho.

A pesquisa bibliográfica continuou e parte dos resultados constará dos próximos materiais, a saber o Álbum Patrimônio Cultural dos Povos de Aroá e política identitária, da Exposição e do Seminário, que correspondem à última etapa.

Como produto da II Etapa foi identificado a entrega de relatórios individuais sobre as observações de campo e parte de registros selecionados para a finalidade da Exposição do Álbum e das Oficinas.

Informamos ao IPHAN que como política de devolução dos resultados de pesquisa na oficina em São Mirim foram entregues os trabalhos seguintes:

1. MORAES, Irislane Pereira de. Do tempo dos Pretos d'antes aos Povos do Aroá: Patrimônio arqueológico e territorialidade quilombola no vale do rio Capim (PA). (p. 237). UFPA/PPGA/Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Outubro 2012.
Desta dissertação foram entregues dois exemplares a Associação Quilombola Unidos do Rio Capim.
2. Relatório Histórico Antropológico: *POVOS DO AROÁ: Territorialidade específica dos Quilombolas de São Domingos do Capim (Pará) e reconhecimento de direitos territoriais* (157 páginas mais anexos).
Esta peça está referida ao Processo Nº 25.54100.002880/2007-34 e foram entregues dois exemplares. O primeiro para a Associação Quilombola Unidos do Rio Capim e o segundo para esta Associação depositar no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Na fotografia abaixo está documentado esse ato no qual a pesquisadora Irislane Pereira de Moraes apresentou a sua dissertação de mestrado e fez sinceros agradecimentos a todos os quilombolas do Aroá.



Figura 1. Irislane Pereira de Moraes apresenta o seu trabalho de dissertação aos quilombolas do Aproaga

Trabalho de campo apresentado nos Relatórios individuais dos pesquisadores

Consoante com esta atividade o presente Relatório está acompanhado de cinco relatórios individuais que tem uma construção temática, quer dizer que as observações se alinham dentro de questões e problemáticas específicas:

- Rosa Acevedo Marin – Historiadora – procede, primeiro, à releitura do estudo e exploração do rio Capim feito por J. Barbosa Rodrigues; segundo, à sistematização do croqui acima mencionado de autoria dos dois quilombolas; terceiro, à escrita de observações do pesquisador que se aproximam de uma descrição etnográfica dos povoados capienses. Paralelo ao registro das paisagens das margens do rio Capim busca-se refletir as territorialidades específicas, situar as problemáticas de perda de recursos - pesqueiros, florestais produzidas pelo incremento do desmatamento, a pecuária e exploração mineral.
- Eliana Ramos Ferreira - Historiadora - aborda a memória social do rio Capim e o foco no Engenho Aproaga através das falas dos senhores Raimundo Aires e

Ricardo. O primeiro situa o mundo das roças do Capim. Com essa indicação o relatório destaca o rio Capim como uma região de produção de mandioca.

- Fernando Marques – Historiador e Arqueólogo constrói o relatório - em dois planos: o primeiro apresenta as anotações da Excursão realizada entre Quiandeua e Santana; o segundo a Oficina sobre Patrimônio Cultural e Arqueologia que introduziu noções sobre os dois campos de conhecimento e preliminarmente debateu a possibilidade de um trabalho em Arqueologia Computacional orientado para a montagem de uma “maquete virtual” do Engenho do Aproaga.
- Ângelo Pessoa - Arqueologia - focaliza os territórios de pesca no vale do rio Capim, estruturado na forma de uma “arqueologia” e de descrições etnográficas realizadas com caráter preliminar sobre as formas coletivas de pesca.
- Irislane Pereira de Moraes - Arqueóloga – organiza os dados de georreferenciamento do rio Capim, em especial para reconhecer os povoados. Entre estes se destacam os que possuem sítios arqueológicos.

Preparação da III e IV Etapa

Na terceira etapa estão previstas oficinas e trabalho de análise. Exemplifica-se com a montagem e apresentação do mapa do rio Capim contendo os dados sistematizados.

Outra parte do trabalho é referente às transcrições de fitas e editoração de registros na forma de pequenos vídeos. Como foi mencionado no relatório do pesquisador Fernando Marques é possível continuar os trabalhos para montar a planta baixa do Engenho, como produto das oficinas.

Ainda sobre as oficinas estão previstas novas dinâmicas com grupos de adultos, jovens, crianças para elaborar croqui, contar e representar histórias, leituras vinculadas ao tema, apresentação de filmes com debates.

Igualmente, os pesquisadores estarão elaborando artigos e selecionando os materiais para o Álbum e a Exposição.

Apesar dos transtornos burocráticos que tem implicações nos desembolsos financeiros para execução do Projeto a equipe tem mantido um ritmo de trabalho e tem confiança de levar a termo esta pesquisa, que possui caráter inovador pela proposta metodológica e teórica.



Universidade Federal do Pará

**Projeto de Pesquisa “Diagnóstica do Engenho Aproaga e seu Entorno a
ser Realizado em Parceria com as Comunidades Locais”
Processo no IPHAN: Processo nº 01492.000372/2011-75
Contrato Nº 06/2012**

PROJETO DE PESQUISA

Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga

Relatório Etapa III (15/3 a 21/03)

Descrição etnografica de Povoados Capiemses: de Quiandeua a Santana

Relatório Individual: Pesquisadora Rosa Acevedo Marin

Lista de Figuras e quadros

Figuras

Figura 1 . Trechos do rio Capim onde se observa uma “Montanha de aluvião” e “montanha de argila vermelha”	P. 7, 8
Figura 2. Vegetação de palmeiras em trecho do rio entre Ribeira e Quiandeuá	P. 9
Figura 3. Planta do Rio Capim exposta na Sala de Reuniões de Sauá-Mirim	P. 12
Figura 4. Porteira da Fazenda localizada entre Ipixuna e Ribeira	P. 15
Figura 5. Cercas e pastos da Fazenda	P. 15
Figura 6. Animais conduzidos ao longo da estrada de piçarra que liga Ipixuna a Ribeira	P. 16
Figura 7. Igarapé cercado	P. 16
Figura 8. Entrada da Fazenda Redenção, porteira com placa de proibição e área de pastagem	P. 16
Figura 9. Pastagem, cerca e algumas cabeças de gado como reflexo do universo de fazendas as margens do rio Capim	P. 17
Figura 10. Rebanho de fazenda localizada a margem do rio Capim	P. 18
Figura 11. Fazendas localizadas à beira do rio Capim (Fazenda Tramontina)	P. 18
Figura 12. Fazenda da Jonasa empresa referida pela exploração madeireira	P.18
Figura 13. Propriedade da Empresa IMERYS, Rio Capim Caulim S.A no povoado de Santa Maria do Bacury	P. 19
Figura 14. Escola EMEF Presidente Castelo Branco, no povoado Quiandeuá	P. 22
Figura 15. Mangueiras antigas encontradas na rua principal de Quiandeuá	P. 23
Figura 16. Antigas construções do povoado Badajóz. Na foto as paredes da Igreja Católica	P. 24
Figura 17. Escola Municipal de Ensino Fundamental desativada	P. 24
Figura 18. Morador do povoado de Badajóz e sua filha	P. 25
Figura 19. Escola EMEF São Jorge, no povoado Nova Vida	P. 25
Figura 20. Às sombras da mangueira jovens descansam. Na parte traseira estava estendida uma rede de pesca	P. 26

Figura 21. O pilão, símbolo das comunidades quilombolas P. 27

Figura 22. O Sr. Ricardo, liderança reconhecida em São Mateus. Na conversa  o abordou os projetos políticos dos quilombolas de São Mateus e informou sobre os significados da auto-identifica  o quilombola P. 27

Quadros

Quadro 1. Transcrição de informações apresentadas pelos senhores Antonio e Mauricio na oficina realizada no dia 8 de setembro de 2013, em Sau  -Mirim P. 13,14

SUMÁRIO

Apresentação	5
O rio Capim no último quartel do século XIX	7
Olhares sobre a Planta de Barbosa Rodrigues e novas leituras do rio Capim	11
Anotações da Excursão de Quiandeuá a Santana: transformações no século XXI	
Povoados do alto rio Capim: Quiandeuá e Badajóz	21
Povoados Capienses até Santana do Capim	24
Considerações finais	29
Referências	30

Descrição etnográfica de Povoados Capienses: de Quiandeua a Santana

A importância deste rio está nas suas excelentes terras, na abundância do óleo, do cravo, do breu, da andiroba e das mais excelentes madeiras de construção; infelizmente hoje longe para serem conduzidas para o mercado. Suas águas são piscosas. (BARBOSA RODRIGUES, 1875,p. 52)

Apresentação

É possível identificar neste século XXI o vale do rio Capim com uma geografia e geomorfologia semelhante àquela apontada por João Barbosa Rodrigues em 1874? O engenheiro, naturalista e botânico brasileiro procedeu a uma descrição e cartografia cuidadosa desde a cidade de São Domingos da Boa Vista, procedente de Belém, até as cabeceiras nos rios Surubiju e Ararandeua. Rodrigues reconhece seu próprio mérito de “descrever” o rio Capim¹, como parte das atividades da Comissão Científica, designada pelo Ministério e Secretario de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas². O propósito foi estudar e explorar as cabeceiras³, no que foi impedido pelo período de grandes chuvas e a falta de acompanhantes. O estudo foi orientado para descrever um rio de “paisagens variadas e natureza diferente”.

Mas, é necessário relativizar qualquer ideia de semelhanças, permanências desta geomorfologia, pois J. Barbosa Rodrigues menciona em vários trechos o desaparecimento de ilhas sob impacto da pororoca, as mudanças físicas no trajeto do rio. Assim, o Capim até então “pouco explorado e conhecido” experimentava e continuou acumulando transformações na paisagem que são difíceis de aferir.

A equipe do projeto de pesquisa *Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aroá* propõe-se inicialmente o reconhecimento do curso do rio Capim,

¹ Barbosa Rodrigues elabora argumentos para estabelecer que o rio Capim é o principal e não é apenas um afluente do rio Guamá. Um desses argumentos é sobre a sua extensão que calculou em 560 milhas ou 166 leguas.

² O Ministério de Comércio, Agricultura do Império, o Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Júnior recebeu do Pedro Vicente de Azevedo, Presidente da Província do Pará, em 1874, o Relatório elaborado por J. Barbosa Rodrigues. O objetivo do Ministério era realizar estudos sobre exploração e navegabilidade de vários rios do Império, entre eles foi incluído o rio Capim.

³ Indagamos sobre o tempo de viagem para chegar até as cabeceiras do rio Capim, nas condições contemporâneas. O Sr. José Luis dos Santos Cunha, prático e marítimo, que estava na tripulação do Barco Josuo calcula que essa viagem possa ter uma duração de “quatro dias e quatro noites”.

de Quiandeua a Graciosa⁴. Contudo em campo e devido às condições climáticas a equipe de pesquisa se deteve na vila de Santana do Capim. Desta forma, afirma-se que a tentativa é bem menos pretensiosa. Os pesquisadores deste projeto, em março de 2013, definem o percurso não desde a foz até as cabeceiras, mas dentro de outro recorte traçam a visita desde Quiandeua até Santana, o qual coincide com o segmento do rio Capim no qual se observam maiores transformações sociais e ambientais, ampliadas ainda para o povoado de Sebastião do Capim e até propriamente as cabeceiras.

Nos antecedentes da excursão ora relatada estão as memórias dos quilombolas do Aproaga, que falaram de Quiandeua, Badajos, São Bento, São Mateus. Na etapa de trabalho anterior (setembro 2012) tivemos a contribuição dos senhores Antonio e Mauricio, que com dedicação desenharam o croqui do rio Capim.

Neste relatório procede-se: primeiro, à releitura do estudo e exploração do rio Capim feito por J. Barbosa Rodrigues; segundo, à sistematização do croqui acima mencionado de autoria dos dois quilombolas; terceiro, à escrita de observações do pesquisador que se aproximam de uma descrição etnográfica⁵ dos povoados capienses. Paralelo ao registro das paisagens das margens do rio Capim busca-se refletir as territorialidades específicas, situar as problemáticas de perda de recursos - pesqueiros, florestais produzidas pelo incremento do desmatamento, a pecuária e exploração mineral.

O município São Domingos do Capim está classificado como um dos que apresenta maior perda de cobertura vegetal no Estado do Pará o que é resultado da intensificação da exploração madeireira, formação de pastagens, exploração mineral e mais recentemente a penetração de cultivos de dendê, de eucaliptus. Dessa maneira, descendo o rio se observam apenas algumas ilhas de vegetação que se encontram nos povoados formados

⁴ J. Barbosa Rodrigues identifica que neste lugar existiu a fazenda Guajara, na ocasião de sua visita reduzida a uma “tapera” e que pertenceu ao Pe. Manoel Gaspar da Fonseca, que foi um dos principais fazendeiros deste vale. Com o seu falecimento, ocorrido em 1791, deixou a propriedade para a Santa Casa de Misericórdia, pelo que seria conhecida também como Fazenda Caridade.

⁵ A etnografia integra diversas técnicas de investigação social. Nawrath define a etnografía como “la descripción/interpretación realizada a través de un proceso-producto que emana de un trabajo sistemático y transparente referido a un contexto de estudio. Su reducción al aspecto meramente descriptivo se enmarca en una conceptualización elaborada en un periodo del desarrollo histórico de la disciplina (S. XIX y mediados del XX), y se asocia a una epistemología realista que establecía una clara diferenciación entre la recolección de datos objetivos y la formulación de teorías.. (NAWRATH, 2010. P. 2)

por povos e comunidades tradicionais, mas, estes experimentam pressões e ameaças crescentes.

O rio Capim no último quartel do século XIX

O estudo geológico e geográfico de J. Barbosa Rodrigues distingue o curso do rio, dominado por sucessivas curvas, ao longo do qual se encontram varias ilhas⁶ nomeando entre elas São José, São Jeronimo, São Caetano e a ilha Caapoam, a de maior tamanho; refere as montanhas de argila vermelha, as montanhas de aluvião. Tanto a sinuosidade do rio como o relevo as margens é objeto de remarques: alguns são lugares elevados, informando de um “terreno elevado, de 13 metros acima do nível das águas”.



⁶ O autor chega a enumerar as ilhas e em um momento da narrativa informa que se tratava da “decima quinta” do alto Capim, localizada acima do igarapé Anuira. (BARBOSA RODRIGUES, 1875, P. 27)

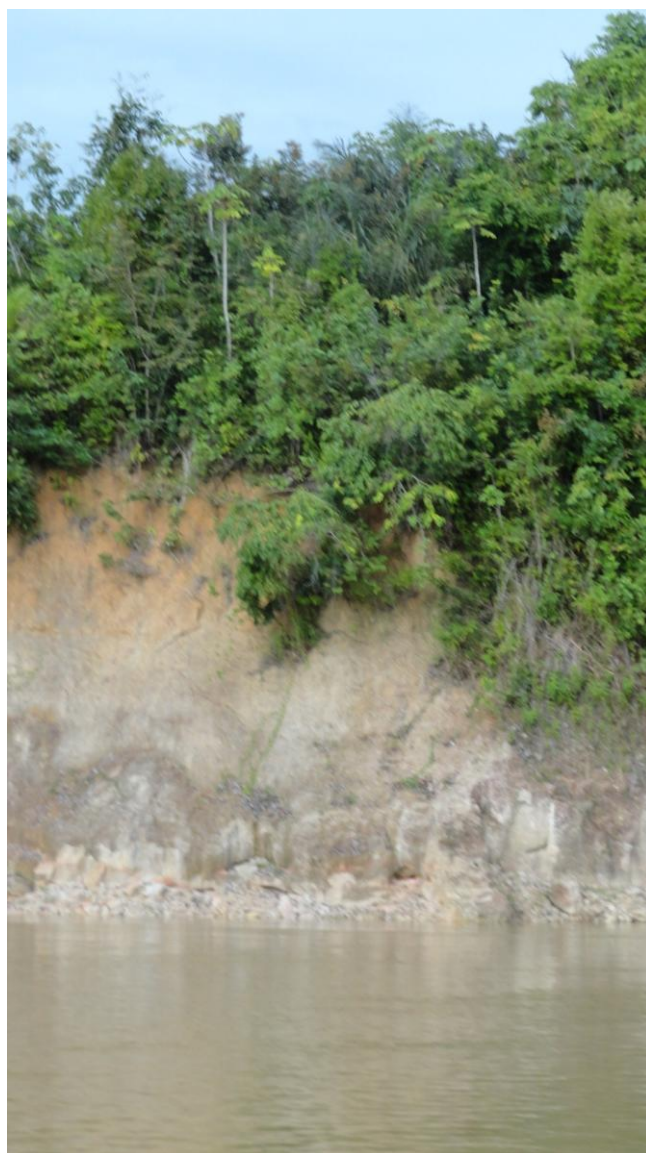


Figura 1. Trechos do rio Capim onde se observa uma “Montanha de aluvião” e “montanha de argila vermelha”

Em outros trechos são os longos baixios e os baixos de pedra do rio, como na frente do Aproaga. As enseadas e os bancos de areia são igualmente localizados, como o que estava abaixo do “igarapé Tachiteu, que desagua na margem direita, acima do sitio denominado Pahy” (BARBOSA RODRIGUES, 1875, p. 27). A descrição da região dos lagos - Tachy, Timbira, Maria Preta e Caranadeua – é relacionada com as salgas de tucunare e pirarucu que se realizava no verão (idem, p. 32). Mas adiante, relata o uso de Timbó na pesca e identifica o “Timbo Cayena” e Timbó Cururú. Também informa que na proximidade da foz se trata de terrenos de aluvião, banhados pelas águas salabores trazidas pelas marés.

De forma atenta, revela a vegetação e nomeia (muitas vezes apenas com o nome científico) a diversidade de palmeiras, os tipos de madeira. Sobre as palmeiras afirma que representam a flora com suas variedades de generos. O Yupaty muito conhecido dos indigenas é destacado, assim como o Açaí com suas “grandes soqueiras”. Ainda a palmeira do miriti “erguendo-se magestosa com seus longos spadices, cheios de oleosos frutos que tanto são aproveitados” (idem, p. 20). Outra palmeira é Jauaryteua.



Figura 2 Vegetação de palmeiras em trecho do rio entre Ribeira e Quiandeuá

Ao longo do rio a vegetação – que descreve como “luxuosa vegetação” e com presença de “mata continua” era frequente: Mamourana que “margina quase que literalmente o rio”; as aningas (aninga apará, *Cilladium arbor escens*) “cerrados que formam os aningaes” e os ingas “que ficam na margem”. Outro conjunto é definido como “plantas notáveis” e lista entre elas o acapu “excelente madeira de construção”; a ucuuba, “cujo fruto dá uma especie de cera”; várias especies de cordias ou Louro. O

significativo destas descrições é associação da espécie, com as formas de uso local. A denominada Pupunha-rana era utilizada para fazer paredes; as palmeiras são relacionadas a preferências de uso e consumo.

Enquanto à fauna é descrita estabelecendo aproximações como o Guaryuba, que se encontra no Marajó. A observação sobre a diversidade é explicitada quando escreve: “fauna que se não é rica pela abundancia de individuos o é de especies não só entre as aves como entre os mamiferos” (Idem, p. 38).

Ainda é preciso destacar uma informação sobre a distribuição de flora: “Quem abandona a margem e penetra para o interior, conhece logo que a vegetação é de nova aparição formando já uma alta capoeira, onde o naturalista pouco tem que fazer, nesta epoca, pela ausencia de flores” (BARBOSA RODRIGUES, 1875, p. 22). Essas anotações permitem cotejar com a vegetação atual. Desde a década de setenta as intervenções realizadas reduziram a vegetação alta em uma grande extensão do rio Capim que apenas possui uma cortina fina de vegetação secundaria às margens e na direção do interior.

Barbosa Rodrigues estabelece a hipótese da permanencia do homem antigo neste vale. Em dois trechos atem-se as evidencias arqueologicas. No sitio do Manoel dos Santos, velho tapuyo de 74 anos relata ter encontrado um “machado de pedra, de uma forma inteiramente nova para mim”. Refere as “loucas de barro”. Que grupos étnicos assinala e como analisa a presença nas cabeceiras⁷ do rio Capim? A hipótese de um processo de ocupação pelos indigenas Tupinambas que se espalharam pelo Guamá e pelo rio Gurupi (idem p. 28) é esclarecida com argumentos sobre os choques dos colonizadores com este povo. Os Tembé são apresentados como uma das “muitas subdivisões dos Tupinamba”. Cita o “gentio” Turyuaras e no rio Surubiju os “Guajajaras ou Uayáyás”. Outro grupo mencionado é o povo Amanajes. No rio Candiru-Açu⁸ explica que existiu o aldeamento Santa Leopoldina, formado pelo grupo Tembé. (Idem, p. 39).

Desde uma perspectiva demografica Barbosa Rodrigues escreve que “o rio Capim, propriamente dito” tinha uma população de 10.163 “almas”. Observava que além de ter a

⁷ O Governador do Estado do Grão Pará Francisco de Souza Coutinho teve grande interesse de descobrir um caminho até as cabeceiras do rio Capim para o qual encarregou o Sargento Mor Francisco Nunes Nogueira, em julho de 1797. Nogueira vinha de Cameté e havia construido familia com uma mulher entre o povo Turyuaras e foi o fundador do povoado Badajóz.

⁸ O naturalista insere nas cabeceiras o rio Candiru-Açu importante afluente da margem direita.

população duplicado, em comparação com 1833 quando era de 5298 habitantes, mostrava a vantagem de ter “diminuído o elemento escravo, que sendo então quase igual então ao livre, hoje é muito menor” (BARBOSA RODRIGUES, 1875, P. 25).

As observações sobre os empreendimentos ao longo do rio Capim se detiveram nos engenhos, fazendas, sítios e algumas barracas e relaciona alguns povoados. Os gêneros de exportação eram arroz, farinhas e tabacos, como os principais. Também se produzia Cacao, café, goma elástica.

Barbosa Rodrigues refere-se com admiração às máquinas de beneficiamento de cana e arroz que tinham sido instaladas por alguns prosperos proprietários, como o Coronel José Calixto Furtado, que possuía controle sobre oito leguas nos seus sítios São José, Carmo e em Badajóz. No ano da visita de Barbosa Rodrigues a escravatura do Coronel foi calculada em mais de “cem indivíduos”. No primeiro empreendimento fabricava “açúcar, cachaça, farinhas, etc”. (idem. P. 25 e 26).

Olhares sobre a Planta de Barbosa Rodrigues e novas leituras do rio Capim

As reuniões e oficinas do Projeto têm representado um diálogo sincrônico de eventos entre o presente e o passado; entre o presente e o futuro. Na oficina realizada em Sauá Mirim foi pendurada a reprodução ampliada da Planta do rio Capim, de autoria de Barbosa Rodrigues. Com grande interesse alguns participantes estudaram por um tempo prolongado esse documento e iniciaram as conexões com seus conhecimentos de quem transita e classifica de forma diferenciada o rio Capim.



Figura 3. Planta do Rio Capim exposta na Sala de Reuniões de Sauá-Mirim.

Em varios momenos os pesquisadores fomos indagados sobre as anotações que constam desta Planta. Com essa figura em mente e a nossa frente, foi planejada a excursão, em um exercício de cotejamento, de correção e de atualizações que também representam complementações. O elemento mais forte na observação era relativo ao ano em que foi feita a planta e as permanências, que se situam muito próximas dos seus conhecimentos. Por contraste, os observadores da Planta de Rodrigues destacavam as diferencias de toponímia ou mesmo o erro na indicação de um lugar. Elaboraram em tom critico que na planta estavam ausentes igarapés ou seus braços.

Os senhores Mauricio Lopes dos Santos e Antonio José Brito Fialho iniciaram o desenho do croqui partindo de Graciosa. Um detalhe que ressalta é a quantidade de “praias” que desenharam. No mês de setembro correspondente à estação seca essa

observação parecia pertinente. Contudo, o rio Capim, nesse inverno⁹, que não foi rigoroso, mostrava várias praias. Ambos citaram outros lagos e ficaram atentos aos nomes dos igarapés. Nessa elaboração é possível transcrever as anotações que fizeram em ambas as margens do rio Capim, relativas a povoados, sítios, igarapés, lagos. No quadro abaixo a lista aproxima os nomes escritos pelos elaboradores do croqui. Espaços em branco informam a falta de informação próxima como ocorre entre Barreirinha e uma ilha, situadas na margem direita do rio Capim.

Quadro 1 Transcrição de informações apresentadas pelos senhores Antonio e Mauricio na oficina realizada no dia 8 de setembro de 2013, em Sauá-Mirim.

Margem Esquerda	Margem Direita
Boa Esperança	Santana
Santo	Bera Juba
Antonio Mariana	Santa Teresinha
Nova União	Barreirinha
Engenho São Calixto	
Praia	
Praia	
Ilha	Ilha
Aningal	Igarapé Jabuti Maior
Siriri	Chico Braça
Vila Nova	Igarapé Tachyteua
Ilha	São Benedito
São Mateus	Igarapé Caetano
Carico	Santa Rosa
Mendes Junior	Paraíso
Igarapé Arauera	Nova Vida
Caetano	Deus por Nós (antigo Alegre Vamos)
Igarapé Maracaxi	

⁹ Alguns anos são recordados como de grande cheia que inundou as casas dos povoados.

Cajueiro	Lago Maria Preta
São Raimundo	Igarapé Molis Mirim
Igarapé Arumandeuá	Igarapé Candiru Açu
Lago Cantepé	Igarapé Sumaúma
Santo Largo Reis ou Comixão	Ribeira
Badajóz	Igarapé Cipoteua
Quiandeuá	Retem
Igarapé Joirá	Nazaré
Joirá	São Sebastião
Goiabal	Canãa (antigo Jurupara)
PA Goiabal	Praia Grande
PA 256 para Tomé-Açu	

Nessa relação com mais de 60 nomeações antecipava o que iríamos “descobrir” ou encontrar na Excursão de Quiandeuá a Santana.

Anotações da Excursão de Quiandeuá a Santana: transformações no século XXI

A viagem que iniciou no dia 15 de março de 2013 de Belém teve um trajeto inicial entre Belém e Ipixuna. Na camioneta EcoSport de propriedade da pesquisadora Eliana Ramos Ferreira saímos da cidade às 04:38 h tomando a estrada Belém-Brasília até Mãe do Rio onde nos esperava Manoel Clauderi Coutinho da Luz. Dali seguiríamos em direção a Ipixuna do Pará. Houve demora e lentidão da viagem pela sinalização da estrada. De Ipixuna teríamos que ir até um povoado denominado Ribeira, a margem do rio Capim, onde nos esperava o barco para subir até Quiandeuá, na margem direita do rio Capim.

Esse tempo de trabalho de campo¹⁰ que se inicia antes de subir no barco, posto que se apresentavam diversas situações que concernem esta etnografia permite recompor o “interior do rio Capim” desde uma margem. De Ipixuna até Ribeira – trecho realizado por

¹⁰ O trabalho de campo foi realizado entre 15 e 21 de março de 2013. O percurso foi feito de Belém a Ipixuna do Pará, e desta cidade até o povoado Ribeira, onde nos aguardava o barco do Sr. Josué Pinto Pereira, que nos conduziu até Quiandeuá, onde a equipe permaneceu um dia. Esta retornou a Ribeira, onde pernitoou o segundo dia. O trecho Ribeira até Sauá Mirim foi feito nos dias 18 e 19 de março. As entrevistas e oficinas com os quilombolas do Aproaga foram realizadas por parte da equipe no domingo, dia 17 de março. Outros membros permaneceram no território dos Quilombolas do Aproaga até dia 21 de março.

uma estrada de piçarra se conferem as grandes fazendas e as extensas pastagens que acabaram com a “luxuosa vegetação” e o “mato contínuo”.

Entre a cidade e o povoado da Ribeira o tempo de viagem é de 35 minutos, por uma estrada acidentada e margeada por fazendas. Na sequência de fotos é apresentado a paisagem das fazendas, que tem como elementos as cercas de arame, a pastagem, as porteiras, os cartazes com proibições. Localizadas à beira rio ou entre os ramais destacam-se dos povoados pela sua imponência, pelos usos dos recursos, pela vida social e cultural. Povoado e fazenda são unidades sociais contextualizadas na paisagem do rio Capim, produzindo situações e campos de disputa.



Figura 4. Porteira da Fazenda localizada entre Ipixuna e Ribeira



Figura 5. Cercas e pastos da Fazenda



Figura 6. Animais conduzidos ao longo da estrada de piçarra que liga Ipixuna a Ribeira



Figura 7. Igarapé cercado



Figura 8. Entrada da Fazenda Redenção, porteira com placa de proibição e area de pastagem.



Figura 9. Pastagem, cerca e algumas cabeças de gado como reflexo do universo de fazendas as margens do rio Capim.



Figura 10. Rebanho de fazenda localizada a margem do rio Capim



Figura 11. Fazendas localizadas à beira do rio Capim (Fazenda Tramontina)



Figura 12. Fazenda da Jonasa empresa referida pela exploração madeireira

A expansão madeireira como motor do desmatamento na região do rio Capim iniciou na década de 80 com a presença de pequenos madeireiros que compravam toras para revender às serrarias. Na década seguinte, empresas de grande porte retiraram os pequenos atravessadores e adquiriram a madeira dos extratores em maior quantidade o que intensificou o desmatamento (MEDINA, 2003). São Domingos do Capim está na Lista dos municípios que assinaram o acordo pelo desmatamento zero no Pará.

No município de Ipixuna do Pará¹¹ foi estabelecida no final dos anos 70 a exploração de caulim. Luz e Damasceno (1993) informam sobre a primeira empresa que está se constituiu como uma *joint venture* CADAM/CVRD Rio Capim e a segunda – a Rio Capim Caulim S.A pertencente ao Grupo Mendes Júnior. O Estado do Pará possui 52% das reservas de alta qualidade. A IMERYS opera desde 1996 através da Rio Capim Caulim, que adquiriu em 2010 a Pará Pigmentos do Grupo Vale. Notícias divulgadas no mês de fevereiro informam sobre os planos de expansão da produção de caulim no Pará¹². Em entrevista com a Delegada Sindical do STR de Ipixuna do Pará, Sra. Joana Maria Teixeira Oliveira, comunidade Nova Vida explicou que as terras da comunidade limitam nos fundos com a “empresa da Vale” e que esta empresa comprou as terras e informou que iriam iniciar a exploração do caulim. Os trabalhadores são pressionados para vender as terras. No povoado Deus por Nos, “que tem muito caulim, vão sair 11 famílias”. Em 2012 “meteram a maquina, retalharam e prometeram que tem que sair de lá quando for para explorar”. Cajueiro está igualmente ameaçada. No igarapé Cajueiro que contorna o povoado se registraram mortes de peixes. O Sindicato fez denuncia, mas o delegado defendeu a empresa para receber mais salários, sinalizou a Sra. Oliveira.

As denúncias sobre mortandade de peixe e sobre a qualidade da água do rio Capim também foram feitas pelos Quilombolas do Aproaga ante a Assembleia Estadual que em 2010 organizou uma comissão para estudar as situações apresentadas. Os estudos sobre a qualidade da água não tiveram retorno e o processo caiu em silencio. Tanto os quilombolas como os trabalhadores rurais estão atentos aos procedimentos da empresa que desenvolve uma política de expansão passando por cima dos direitos territoriais e ambientais.

¹¹ O município Ipixuna do Pará foi criado em 1993 recortado do município de São Domingos do Capim.

¹² Ver declarações do Diretor da IMERYS engenheiro Marcos Moreira, no dia 15 de fevereiro de 2013. www.fiepa.org.br consultado em 20 de março de 2013.

Figura 13. Propriedade da Empresa IMERYS, Rio Capim Caulim S.A no povoado de Santa Maria do Bacury



Povoados do alto rio Capim: Quiandeuá e Badajóz

Mamorana, Quiandeuá, Jauira, Goiabal, Nanai, Nazaré, São Sebastião e Fortaleza são povoados antigos que pertencem a estes domínios do rio Capim. Três deles - Goiabal, Arraial, Nazare, Piedade e Quiandeuá são citados por Barbosa Rodrigues, que os ouviu referir em 1874.

No estudo de Acevedo Marin (2006) com o título “Povoados Capienses” situam-se dentro das territorialidades específicas do alto rio Capim:

A origem social e espacial dos povoados do médio rio Capim é anterior ao avanço da frente madeireira e pecuarista da metade do século XX. Várias colônias do médio rio Capim têm histórias que se entrecruzam nas experiências de ocupação de fins do século XIX e primeira metade do XX. Elas continuam a se distinguir pelas estratégias produtivas e sociais – entre elas as estratégias de matrimônio, de migração, de sucessão e herança da terra como também pelas formas de apropriação e usos da terra. Desses povoados destacam-se Piedade, São Sebastião e Nazaré. Em um raio maior estão as colônias de Goiabal e o povoado de Quiandeuá, situada a 50km de São Sebastião. Outras mencionadas foram São Lucas, São Francisco e Jaíro. A questão é saber se esses povoados significam espaços sócio-econômicos e sócio-culturais de resistência.

Sob diversas linhas históricas e políticas surge a identidade coletiva de “capiense”, e uma adjetivação ainda de “bravos capienses”, que se constrói positivamente. Preliminarmente, esta designa uma territorialização específica dos camponeses que em diversos momentos fixaram-se às margens do rio Capim. Mas essa intitulação de capiense tem raízes mais profundas na história dos rebeldes de São Domingos de Capim. (ACEVEDO MARIN, 2006, P. 6)

O Sr. Raimundo Ares, 73 anos, que nasceu em Quiandeuá foi enfático em dizer que o “mato foi quase todo derrubado” pelos madeireiros. Mas também, o povoado de Quiandeuá está rodeado de fazendas. Na outra margem do rio Capim, a sua frente, está a fazenda Tracaja com plantação de eucalipto e pertence ao Deputado Sidney Rosa. No fundo e dos lados, antes território domínio dos auto-identificados quilombolas encontram-se áreas com plantio de dendê.

Goiabal e Quiandeuá compartilham as ameaças de madeireiros e fazendeiros. Em 2006, em Quiandeuá, entrevistados por Scoles e Marinho (2006) relacionaram sua origem como sendo “descendentes de escravos”. Aproximadamente, 100 famílias reconheciam e organizavam suas estratégias de uso e apropriação de recursos em um território coletivo. Goiabal é uma colônia com menor população (35 famílias)¹³.

¹³ Scoles e Marinho realizaram em novembro de 2005 a entrevista aqui mencionada. Goiabal está em processo de transformação em assentamento e em setembro de 2005 foi objeto de vistoria por parte do INCRA. O povoado encontra-se na área administrativa do município de Ipixuna do Pará.



Figura 14. Escola EMEF Presidente Castelo Branco, no povoado Quiandeuá

Em Quiandeuá foi entrevistado o Sr. Antonio dos Santos Mendes, Presidente da Associação dos Quilombolas do Rio Capim que brevemente relatou o processo organizativo desta entidade e os trajetos da política identitária. Os povoados de Quiandeuá, Goiabal, Mamorana e Jaurá integram a nova associação.

Entre Badajós e Canã foram identificados os povoados: Ribeirinha, Retém, Abacate, Pena Fiel, Tujujús, Mamorana, Quiandeuá, Jaurá, Goiabal, Nanai, Nazaré, Juaraca, São Sebastião, Aliança, Serra do Catiteua no que representa o alto rio Capim.



Figura 15. Mangueiras antigas encontradas na rua principal de Quiandeuá

O povoado de Badajóz sobre o qual se deteve Barbosa Rodrigues é destacado de um quadro de arruinamento recente. A sua importância administrativa se destaca por ter instalado um Cartório que mudou para Ribeira. No relatório de Barbosa Rodrigues apontam-se atos da “Rebelião de 1835” que se destacaram no povoado. Ele pertenceu ao Coronel Calixto Furtado que o adquiriu do Major Manoel Macedo “que o comprou de Fulano Bandeira”. Em 1875 tinha cinco casas e 25 pessoas. A tradição de festas juninas e a beleza da pequena igreja católica desapareceram, comentam com sentimento de perda os acompanhantes da excursão.



Figura 16. Antigas construções do povoado Badajóz. Na foto as paredes da Igreja Católica



Figura 17. Escola Municipal de Ensino Fundamental desativada



Figura 18. Morador do povoado de Badajóz e sua filha.

Povoados Capiemses até Santana do Capim

No Médio Capim tivemos a indicação de povoados antigos e novos de dois entrevistados e a lista foi ampliada na medida que a embarcação descia o rio. Santos Reis, Maracaxi, Alegre Vamos, Lacraia, Nova Vida, Nova Canãa, Cipoteua, Cajueiro, Paraíso Santa Maria do Bacuri, Santo Amaro, Pontinha, Areial, Ponta, Monte Alegre, Caetano, Santa Rosa,

barreirinha, Nova Esperança, Boa Esperança, Beirajuba, São Raimundo, Palheta, Catitu, Caridade, São Bento, Santana, Aningau, Aningal¹⁴.

O barco se deteve em Nova Vida. Este povoado tem aproximadamente 30 anos e nele moram 16 famílias. Tem roças de mandioca, arroz e milho. Segundo a informação da Sra. Joana Maria Teixeira Oliveira ainda possuem madeiras “nobres” como maçaranduba, louro, Ucuuba, Tambuacu, Ipiuba e eles tem uma “política de não deixar entrar madeireiro”.



Figura 19. Escola EMEF São Jorge, no povoado Nova Vida

O rio Capim possui “sítios” igualmente reconhecidos pelos nomes atribuídos pelos moradores. O Sítio São Tomé próximo de Nova Vida tem duas famílias, uma delas a do Sr. Libanio Castro, de 63 anos.

Na antiga Estação da CPRM que iniciou a pesquisa exploratória dos minérios neste vale, encontra-se um lago com muito peixe e madeiras. Na sequência se encontram os sítios Conceição, São Luis e do Sr. Lilico. Alguns são classificados como uma fazendinha.

Santa Maria do Bacuri situado a margem direita e em terreno alto representa uma vila de madeira construída pela mineradora, nesta Sub-Estação 5. Esta vila, como a definiu a Sra. Nazaré Tavares tem comunicação por estrada por meio de um ramal construído

¹⁴ O georreferenciamento dos povoados maiores permitirá elaborar um mapa, com base nestes dados e também os registros orais. Nesta versão há ainda informações a serem conferidas.

pela empresa. Algumas pessoas trabalham para a mineração e elaboram um discurso do progresso.

Na paisagem do desmatamento houve o encontro com uma ilha de vegetação que conserva o proprietário da fazenda Santa Rosa. O Sr. José Luis dos Santos Cunha se deteve em mostrar a diversidade da flora e identificou 13 espécies de madeiras para diferentes usos.

Mas adiante surge na margem esquerda a fazenda da Tramontina e depois do povoado Caetano uma área onde a Jonasa implantou um projeto de exploração madeireira e que corresponde à figura 12. A Jonasa retirou muita madeira nesta região conhecida como Anauera.

Desde o igarapé Anauera se perfila uma linha reta, de pelo menos 4 Kms que é muito conhecido pelos que transitaram por este rio, desde sua infância. O Sr. Raimundo entrevistado em Quiandeua o denominou o “Estirão” e na metade deste trecho está São Mateus.

São Mateus é um povoado com mais de 80 famílias que elaboram uma política identitária e tem solicitado apoio da Associação Quilombola Unidos do Rio Capim para dar início a procedimentos administrativos para reconhecimento de direitos étnicos e territoriais.



Figura 20. Nas sombras de uma mangueira os jovens aproveitam horas de descanso. Na parte traseira estava estendida uma rede de pesca



Figura 21. O pilão, símbolo das comunidades quilombolas



Figura 22. O Sr. Ricardo, liderança reconhecida em São Mateus. Na conversação abordou os projetos políticos dos quilombolas de São Mateus e informou sobre os significados da auto-identificação

quilombola.

Entre São Mateus e Graciosa, nossa primeira definição para encerrar a Excursão encontram-se os quilombolas do Aproaga e seus povoados, mas também outros núcleos, formados a margem do rio Capim que identificam as transformações ambientais e as novas situações sociais, econômicas e ambientais que tem implicações nos seus modos de existência social.

Entre os entrevistados, com maior ou menor densidade, a referência ao engenho do Aproaga possui significados culturais e políticos, que constroem os substratos de suas políticas identitárias.

Considerações finais

As condições de possibilidade de uma descrição etnográfica dos povoados e paisagens do rio Capim foram facultadas por um olhar disciplinado que tentou realizar registros sistemáticos em consonância com as questões formuladas no Projeto de Pesquisa. O patrimônio cultural que representa o engenho do Aproaga está nas narrativas dos agentes que estabelecem conexões no presente com pontos de um passado comum, entre eles, o trabalho para os donos do engenho dos seus parentes, a inserção na economia de madeira como extratores para a serraria que também funcionou no engenho Aproaga, até vinte anos atrás.

Durante a Excursão de Quiandeuá a Santana do Capim foram feitos mais de 1000 fotografias, gravações de entrevistas, filmagem de entrevistas, e ainda o georreferenciamento dos trechos do rio visitados. Cada um desses materiais representa resultados parciais do Projeto.

E sobre esses materiais - parcialmente apresentados neste relatório - haverá necessidade de retomar, sistematizar e analisar de maneira a incorporar esses conjuntos de dados para os eventos: Exposição, montagem do Seminário e publicação do álbum.

As etapas subsequentes se sustentam sobre essa construção progressiva de materiais e de relações sociais de pesquisa que giram em torno da existência social e cultural dos povos e comunidades tradicionais do rio Capim.

Referencias

ACEVEDO MARIN, R. E. Povoamento e sociedades entre os rios Gurupi e Mojú no Pará do século XVIII e XIX. Atlas Socioambiental: municípios de Tomé-açu, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará, Paragominas e Ulianópolis. Belém: NAEA-UFPA, p.33-44, 2009a.

_____. Territorialidades de Grupos Quilombolas. Atlas Sociambiental: municípios de Tomé-açu, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará, Paragominas e Ulianópolis. Belém: NAEA-UFPA, p.288-293 2009b.

_____. Povoados camponeses às margens do rio São Domingos do Capim. Belém, UFPA/NAEA, 2006. (s.e)

ALMEIDA, A. W. B. Os Quilombos e as novas etnias. In: Quilombos: Identidade étnica e territorialidade étnica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

_____. Nas bordas da Política Étnica: os quilombos e as políticas sociais. In: Boletim informativo NUER, vol. 2, n.2. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

_____. Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo” faxinais e Fundos de pastos: Terras Tradicionalmente Ocupadas. 2ª ed. Manaus: PGSCA-UFAM, 2008.

BARBOSA, B. 2008. Sistema de Uso Comum de Recursos em Comunidades Quilombolas no Vale do Rio Capim (Pa). UFPA / NAEA.

_____. 2010. Manejo e Uso Comum dos Recursos Naturais em Populações Quilombolas No Vale Do Rio Capim-Pa. V Encontro Nacional da Anppas: Florianópolis–SC. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT12->

BARBOSA RODRIGUES, J. O rio Capim. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1875.

FIEPA. www.fiepa.org.br.

MEDINA, Gabriel. A vida dirige o rio: cem anos de ocupação cabocla e extrativismo madeireiro no Alto Capim. Dissertação de mestrado. Belém, Núcleos de Estudos Sobre Agricultura Familiar. NEAF/UFPA, 2003.

MINISTERIO PUBLICO FEDERAL. Lista dos municípios que assinaram o acordo pelo desmatamento zero no Pará. www.prpa.mpf.gov.br/nov. 2011.

NAWRATH, Héctor I. El método etnográfico. Origen y fundamentos de una aproximación multitécnica. FQS. Forum Qualitative Social Research. V. 11. Nº 2, Artº 10. Mayo 2010. 31 página.

LUZ, Adão Benvindo da. DAMASCENO, Eduardo Camilher. Caulim. Um mineral importante. Rio de Janeiro, CETEM/CNPQ, 1993.

PNCSA. Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA). Povos do Aproaga - São Domingos do Capim. Fascículo 24, Ed. Universidade Federal do Amazonas, Belém, 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**PROJETO DE PESQUISA “DIAGNÓSTICA DO ENGENHO APROAGA E SEU ENTORNO A
SER REALIZADO EM PARCERIA COM AS COMUNIDADES LOCAIS”
PROCESSO NO IPHAN: PROCESSO Nº 01492.000372/2011-75
CONTRATO Nº 06/2012**

PROJETO DE PESQUISA

**Patrimônio imaterial, território e memória dos
quilombolas do Aproaga**

**EXCURSÃO DE QUIANDEUA A GRACIOSA:
PRESENÇA DE OCUPAÇÕES HUMANAS NO RIO CAPIM**

Relatório de Pesquisa Individual:

ELIANA RAMOS FERREIRA

Belém
ABRIL/2013

SUMÁRIO

I. APRESENTAÇÃO	4
II. FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS DE SEU RAIMUNDO: REVELAÇÕES SOBRE O RIO CAPIM	5
III. A IMPORTÂNCIA DA FARINHA NO COTIDIANO DOS MORADORES DO RIO CAPIM	8
IV. AS COMUNIDADES E A AMEAÇA DE EXPROPRIAÇÃO DE SEU TERRITÓRIO: A EXPLORAÇÃO DO CAULIM NO RIO CAPIM	11
V. A EDUCAÇÃO NO RIO CAPIM	14
VI. QUADRO DE MADEIRAS EXISTENTES NO RIO CAPIM	16
VII. TOPONÍMIAS DO RIO CAPIM	17
VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18

Lista de fotos e quadros

Fotos ou figuras

Foto 1	Sr Raimundo e sr Cleo	5
Foto 2	D. Adelaide	7
Foto 3	Cachimbos	7
Foto 4	Casa de Farinha	8
Foto 5	Canoa abrigada das intempéries	9
Foto 6	Casa de Farinha	9
Foto 7	Mandioca de Molho	10
Foto 8	D. Eliete	11
Foto 9	Rabeta navegante do Rio Capim	11
Foto 10	D. Joana e Sr Cleo	12
Foto 11	Placas da Mineradora	13
Foto 12	Quiosques – comércio	13
Foto 13	Exterior e interior da Escola EFM São Jorge, em Nova Vida	14,15
Foto 14	Praça Comunidade S. Mateus	15
Foto 15.	Trecho de vegetação com espécies reconhecidas pelo Sr. José Luis	16

Quadro

Quadro 1. Espécie de madeiras na ilha de vegetação do rio Capim	15
---	----

Quadro 2. Toponímia ao longo do rio Capim	16
---	----

I Apresentação

O presente relatório visa registrar as atividades desenvolvidas durante a viagem ao Rio Capim, pertinente à “*Excursão de Quiandeua a Santana do Capim*” da equipe do projeto “*Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga*”, realizadas no período de 15 a 22 de março de 2013.

A equipe do projeto é composta pelos pesquisadores Rosa Acevedo Marin, Ângelo Lima, Eliana Ramos, Fernando Marques e Irislane Moraes.

A Excursão objetivava realizar o reconhecimento da ocupação por povos indígenas e quilombolas ao longo do Capim. O Vale do Rio Capim, no século XIX, chamou a atenção do naturalista inglês Alfred Wallace, que esteve em viagem de exploração científica na província do Pará e Amazonas, por volta de 1848. Em suas deambulações científicas, Wallace investigou o Rio Capim, em junho de 1849, indo um pouco além da foz, até os arredores da Fazenda São José, propriedade do Sr Calixto, composta por sólidas construções e um conjunto de moinho e silos de arroz e cerca de cinquenta escravos de várias faixas etárias e “outro tanto de índios, todos empregados no cultivo de cana e arroz, no trabalho do moinho e a bordo de suas embarcações.”¹⁵

A nossa equipe embarcou no barco Josu Filho, por volta das 10:00 h, saímos rumo a comunidade de Quiandeua, com a proposição de perscrutarmos, no século XXI, o Rio Capim no trecho de Quiandeua a Santana do Capim.

Para traspassarmos as brumas matinais da história e do Vale do Capim, contamos com a verve da memória coletiva das comunidades viventes nas margens e terras do Rio Capim, como o sr^o Raimundo, sr^a Adelaide, d. Joana, sr^o Cláudio. A memória¹⁶, enquanto fenômeno construído, (consciente ou inconscientemente), pode ser entendida como espaço privilegiado de uma compreensão do presente. Nesse caso, o presente pode ser lido como tempo que se coloca ao historiador como processo, como dinâmica, que se reinventa torna-se guardião de um passado de continuidade, de coerência e/ou de rupturas de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Entender as reinvenções e identidade étnica das comunidades do rio Capim constitui-se no desafio da equipe do presente projeto.

¹⁵ WALLACE, Alfred Russel. Viagens pelos rios Amazonas e Negro. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. P. 82

¹⁶ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, 1992.

II Fragmentos de memórias do Sr. Raimundo Aires: revelações sobre o rio Capim

Saindo de Belém, a primeira parada da equipe foi no município de Mãe do Rio, para o café da manhã, tendo encontrado com o Sr. Cléo (Presidente da Associação Quilombola Unidos do Rio Capim AQURC), que nos acompanharia em toda a Excursão. Seguimos até o município de Ipixuna, e de lá rumamos para a localidade denominada Ribeira, onde pegamos o barco, por volta das 10:00 h com destino a comunidade de Quiandeua. Tendo os pesquisadores chegado à esta comunidade por volta das 14:30 h.

Nesta comunidade, fomos à casa do sr Raimundo, 73 anos, também conhecido como *Devagar e Raimundão*, que nos concedeu entrevista, esbanjou sabedoria e simpatia. *Raimundão* ao revirar o baú de sua memória, revelou detalhes significativos sobre a existência de índios ao longo do rio Capim, essas lembranças remetiam-no ao tempo de sua “juventude”. Em sua fala, discorreu sobre a relação dos índios com as outras pessoas; ressaltando a hospitalidade indígena, pois os índios ofereciam um certo mingau ao visitante, mas se houvesse recusa por parte dos visitantes, não lhes seriam oferecido nem servido mas nada. Porém, quando tinha aceitação e receptividade, tudo o mais lhes era oferecido, se fosse homem, até mulheres.



Foto 1: sr Raimundo e sr Cleo

Em suas lembranças o sr Raimundo reportou-se à organização do trabalho na roça, enfatizando a relação existente entre o trabalho na roça, o mutirão e as “festas” que aconteciam no final das atividades. Na sua narrativa, evidencia-se que os momentos de trabalho eram também momentos de sociabilidade e cooperação entre os que participavam do mutirão, pois ao término das atividades na roça, os “homens tomavam banho, se aprontavam, pegavam a canoa e iam para a festa”, onde bebiam cachaça e dançavam a noite inteira.

Contudo, ao fim da diversão, o caminho, era o da volta para a roça para descansar, uma vez que no dia seguinte, seria dada continuidade aos trabalhos. A principal cultura das roças era a mandioca. No trecho entre Quiandeuá e Santana do Capim, foi possível observar que as plantações de maniva e as casas de farinha foram elementos constantes ao longo da viagem pelo rio Capim.

Para enfrentar a jornada de trabalho no dia seguinte, nas lembranças gastronômicas do srº Raimundo, “os convidados” do mutirão alimentavam-se com ensopado de “guariba¹⁷” *por ser forte!* Esse caldo recomporia as energias necessárias para a continuação das atividades laborais na roça. Perguntado sobre a preferência pelo referido caldo, afirmou que apesar da existência de outros animais silvestres como porco do mato, caititu, tatu, paca, entretanto, preferiam a guariba pela valorização energética do animal, pois acreditam que o caldo dá “*sustança*”.

Essa crença e cultura alimentar foram confirmadas pela srª Adelaide, que, reafirmou a importância do referido caldo de guariba em fortalecer e recuperar a pessoa *enfraquecida*.

De acordo com a narrativa do sr Raimundo, a floresta abrigava inúmeras espécies de árvores frutíferas como o bacurizeiro, piquizeiro, uxizeiro. Os frutos dessas árvores – bacuri, piquiá, uxi, respectivamente, são muito apreciados ainda hoje. Outras árvores como a maçaranduba, andiroba são utilizadas para outros fins como construções de casa, móveis, barcos, etc.

Srº Raimundo falou que conheceu o APROAGA, ainda quando estava bem conservado. Lembrando-se da beleza do lugar e da sede do engenho.

Outra moradora singular da comunidade de Quiandeuá, foi D. Adelaide Nunes Ferreira que estava com um cachimbo bem peculiar, feito artesanalmente de barro e o “cabo”/piteira do galho bem fino de uma árvore, muito parecido com os cachimbos feitos e utilizados pelos indígenas pré-colombianos, conforme achados arqueológicos, como nos possibilita a comparação com a imagem abaixo:

¹⁷ **Classe:** Mammalia. **Ordem:** Primates. **Família:** Cebidae. **Nome científico:** *Alouatta caraya*. **Nome vulgar:** Guariba. **Categoria:** Ameaçada. **Características físicas:** a pelagem é marrom escura, próxima do preto, e uma barba reveste o queixo. As fêmeas e os filhotes são bem mais claros, cor de palha. A cauda preênsil, musculosa, é como um quinto membro que auxilia durante o deslocamento entre os galhos altos, onde ele passa a maior parte do tempo. Um dos maiores primatas do continente, o macho chega a pesar 8 kg e as fêmeas, por volta de 4,5 kg. **Alimentação:** composta basicamente de folhas e frutos.



Foto 2. D. Adelaide e seu cachimbo



Foto 3. Cachimbos antigos¹⁸.

D. Adelaide, afirmou que o artefato é feito por outra Senhora da comunidade. Na casa de farinha, o tacho destinado à torrefação da farinha, estava coberto com palhas, devida estar parada e o tacho coberto, para que os cachorros não deitassem para dormir nele. Ela estava rodeada pelos netos e filhos. Mais adiante, havia outra casa de farinha, configurando ser a produção de farinha uma atividade basilar não apenas na comunidade de Quiandeua, mas também em muitas outras Comunidades ao longo do Rio Capim.

III A importância da farinha no cotidiano dos moradores do rio Capim

Seguindo rio abaixo, identificamos outras comunidades, entre estas, a de São Raimundo, composta, a primeira vista, de sete casas. Conversamos com o srº Cláudio, o qual

¹⁸https://www.google.com.br/search?q=cachimbos+ind%C3%ADgenas&hl=en&rlz=1C1LENN_enBR470BR470&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=N9NcUZSqMq3W0gG_xYGYDQ&ved=0CEcQsAQ&biw=1366&bih=643#imgsrc=69iYgCq1bFY0uM%3A%3BzeaDAdv3xKhQuM%3Bhttp%253A%252F%252Fperlbal.hi-pi.com%252Fblog-images%252F348491%252Fgd%252F1221096773%252FDetalhe-cachimbo-no-5.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fpipe.spaceblog.com.br%252F3%252F%3B600%3B305

informou viver a mais de 40 anos no lugar. Indagado sobre a pesca, informou que só “para o rango”, e não para a comercialização. Revelou também possuir roça de mandioca para a farinha. Confirmada pela existência da casa de farinha no terreno em que estava, conforme foto seguinte.



Foto 4. Casa de farinha. Comunidade São Raimundo.

Observa-se na foto acima, à direita a engrenagem destinada ao manuseio do tipiti, ao centro, numa base de barro, o tacho para a torrefação da farinha.

De acordo com a narrativa do srº Paulo de Almeida Ferreira e da srª Celina de Oliveira Maciel, existe plantação de mandioca “mais para dentro” dos seus domínios. Ao lado da casa, ancorado na beira do rio, registrou-se em imagem uma canoa em terra e protegida das intempéries, coberta por um encerado preto, conforme foto abaixo.



Foto 5. Canoa abrigada das intempéries.

Na Comunidade Stª Rosa existem duas casas de fazer farinha, e no momento em que passamos, uma estava em atividade (foto 6).



Foto 6. Casa de farinha Comunidade Stª Rosa.



Foto 7. Técnica utilizada para a amaciar a mandioca no rio, facilitando a sua moagem na máquina para a extração da massa de mandioca, outra etapa do processo de produção da farinha.

Acurando o olhar, na foto sete, veem-se ainda os restos das mandiocas tratadas para serem colocadas de molho diretamente no rio. A fabricação da farinha leva vários dias, sem contar a preparação e manutenção da roça. Não é uma tarefa fácil, pois exige conciliação de saberes e domínio de técnicas de produção, além de força e esforço físico, considerando as etapas de “arrancar” – extrair – a raiz da mandioca do solo, colocar de molho no rio, (vide

foto acima, é possível observar o resto de mandioca em terra), transportar para o local onde ocorrerá o fabrico da farinha (geralmente chamado de “casa do forno”), descascar a mandioca, lavar, ralar, espremer a massa no tipiti para extrair o tucupi, e, finalmente, proceder à torrefação, ou seja, ao ato de torrar no forno, preferencialmente de cobre, em alta temperatura. São operações complexas, na maioria das vezes realizadas em conjunto e não individualmente

Na Comunidade de São Mateus, a sr^a Eliete, filha do sr^o Ricardo, ressaltou a diversidade de frutas como o uxi, tucumã, bacuri, araçá, banana e como as crianças desfrutam bastante, segundo sua narrativa, quase não adoecem. A família segue o modelo da plantação mista, cultivando mandioca, milho e arroz no mesmo roçado, tendo dito que “em terreno novo a mandioca leva até um ano para ficar no ponto, e quando a terra já é mais “usada” pode amadurecer em até seis meses”. A agricultura é conciliada com a pesca para consumo. D. Eliete vinha ‘subindo’ pelo caminho com louças lavadas no rio e numa panela, alguns peixinhos, como um acará e quatro praboca. Foto abaixo.



Foto 8. D. Eliete, filha de seu Ricardo, moradores da Comunidade de São Mateus.

IV As comunidades e a ameaça de expropriação de seu território: a exploração do caulim no rio Capim

Durante a navegação, sentido Quiandeua e Graciosa, uma rabeta, emparelhou com o barco em que estávamos, perguntando se havia gasolina para vender, pois estavam com pouca gasolina. Após as manobras das embarcações, os tripulantes da rabeta subiram para o barco. Aproveitando-se da oportunidade, a equipe conversou com os tripulantes da rabeta, sobre os

problemas da comunidade com relação à empresa mineradora que explora o caulim no rio Capim. Obteve-se a informação que uma das comunidades que vive o drama da ameaça de ser despojada de seu território é a de São Tomé.



Foto 9. Rabeta que estava com pouca gasolina. A Senhora de blusa preta e óculos, é a D. Joana.

O sítio São Tomé, com aproximadamente 86 hectares de terra rica em caulim, abriga duas famílias, que segundo D. Joana¹⁹, onde tem caulim, a empresa mineradora indeniza e retira os moradores terra; disse também que a “4 km para dentro (margem do rio) existe a terra de um vizinho que saiu porque onde ele morava, tem muito caulim”. A sua narrativa ganha intensidade ao lembrar dos vizinhos que foram retirados, porque a pesquisa da empresa mineradora revelou a existência abundante do caulim. D. Joana afirmou que eles tinham roças e “produziam muito”, pois plantavam arroz, milho, mandioca e faziam muita farinha.

Outra comunidade que também está na mira da mineradora é a Comunidade Deus Por Nós, na qual as onze famílias que moram no lugar, já foram ameaçadas e de que terão de sair, essa comunidade possui plantações de mandioca, arroz, milho; seguindo a prática de plantações mistas, ou seja, plantam as culturas na mesma roça. Ainda seguindo a narrativa de D. Joana, a empresa “*meteu máquina, retalharam as roças das famílias e disseram que essas famílias terão que sair de lá*”. Essas ações coercitiva, intimidadora e violenta, de destruição

¹⁹ Dona Joana é da Comunidade Nova Vida, mais ou menos a 59 km da cidade de Ipixuna.

das roças, são para forçar a saída das famílias. Esse fato aconteceu em dezembro de 2012, quando a empresa fez a pesquisa e foi constatada a existência de muito caulim, a empresa mandou fazer os “picos”, ou seja, a demarcação da área em que estão as jazidas, intimando as famílias a sair da terra.



Foto 10. D. Joana e sr Cleo. O marido de D. Joana, Jorge Campos de Souza, já falecido, era dono do barco que “empurrava” a madeira para os “donos” do APROAGA, trabalhou lá por quatro meses. D. Joana é do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ipixuna.

A base da empresa de mineração, conta com um pequeno povoado no entorno, tendo uma rampa para a balsa, um trapiche bem construído com estrutura de concreto, ao lado do trapiche tem maquinário parecido com bombas; na margem contrária há quiosques de comércio (foto 12).



Foto 11. Placas na entrada do acesso para o núcleo de pesquisa da mineradora.



Foto 12. Quiosque na margem contrária à base de pesquisa da mineradora.

D. Joana informou que a Comunidade do Cajueiro não faz mais farinha porque a água não presta devido a extração do caulim e que o peixe sumiu. Disse que o srº Lúcio, morador da Comunidade de Cajueiro, fez a “ponte” para que as famílias fossem retiradas de suas terras e agora, ele trabalha na empresa, como prêmio pela sua atuação.

As condições materiais do lugar, segundo d. Joana, são muito difíceis, pois o colégio é de madeira, a estrada aberta pela empresa mineradora ficou apenas na terraplanagem, ou seja, não foi asfaltada. Muitos moradores afirmam, segundo D. Joana, que não podem mais plantar porque a água não presta nem para colocar a mandioca de molho e nem para irrigar as plantações, pois as culturas, com o tempo, acabam morrendo após o uso da água do rio. A extração do caulim, está causando danos irreparáveis ao meio ambiente e ocasionando a desestruturação da produção, principalmente da farinha ao afetar as plantações de mandioca das Comunidades ao longo do rio Capim.

Na memória coletiva da comunidade, expressa pelas lembranças de D. Joana, o srº Lúcio era delegado de polícia, (mais ou menos dez anos atrás), e defendeu ferrenhamente, os interesses da empresa contra as famílias existentes ao longo do rio Capim. Por essa ação de fidelidade aos interesses da empresa, recebeu “*um bom emprego e tem até hoje*”, ou seja, ainda trabalha na empresa. Algumas comunidades chegaram a fazer acordos com a mineradora, como a de Cajueiro, onde apenas duas famílias ainda moram, mas não quiseram falar, devido ao acordo estabelecido com a empresa de mineração. As famílias forçadas a saíram das Comunidades, os filhos viraram bandidos, as filhas “*mulheres de rua*” e os pais estão desempregados.

V A educação no rio Capim

Um dos direitos básicos assegurado na Constituição Federal a qualquer Cidadão é o da Educação. Mas esse direito parece ainda não ser extensivo as margens do rio Capim. Entretanto, varias Escolas que foram objeto de observação durante o trabalho de campo tem uma infraestrutura precária. Em Nova Vida as fotografias revelam esse estado.



Foto 13. Exterior e interior da Escola EFM São Jorge, em Nova Vida.

Em entrevista realizada na Comunidade São Mateus, a jovem Eliana, disse estudar a 6ª série (7º ano), na Comunidade de Barreirinha, distante cerca de 25min de barco de São Mateus. Nesta comunidade não existe escola de ensino fundamental (4º ao 9º ano), apenas a Educação Infantil é ofertada às crianças. As crianças e jovens que cursam do 4º ao 9º ano, frequentam a escola existente na Comunidade de Barreirinha.

Na comunidade de São Mateus, de frente para o rio, logo descendo do barco, existem uns dois bancos embaixo de uma árvore, que é chamada de “praça”, local de encontro e de sociabilidade e lazer da comunidade.



Foto 14 . Pracinha, local de sociabilidade na Comunidade de São Mateus. Mesmo num espaço de sociabilidade, marcas da atividade laboral de pesca.

VI Quadro de madeiras existentes no rio Capim

As observações sobre a paisagem do rio Capim permite identificar “ilhas de vegetação” nas quais conserva-se a biodiversidade da floresta, que Barbosa Rodrigues não poupou em definir como “luxouosa vegetação”. Antes de chegar no “Estirão do Capim” foi identificado pelo Sr. José Luis um trecho de mata e iniciou seus comentários sobre a existencia desta área. O fazendeiro que é proprietario não permite a derrubada explicou e citou as especies (abaixo).



Foto 15. Trecho de vegetação com especies reconhecidas pelo Sr. José Luis.

Durante a viagem, em um determinado trecho o srº José Luis, piloto do barco, nos informou sobre a variedade de madeiras existente na mata, indicando a utilidade delas.

Quadro 1. Espécie de madeiras na ilha de vegetação do rio Capim

Madeiras	Utilidade
Caraoba	Móveis
Bacuri	Móveis
Timbera	Táboas
Marototo	Palito de fósforos
Louro de Plaina	Táboas e para móveis
Copaíba	
Cumaru	Telhado
Guajará	Telhado e ripa para telhado
Maturi	Fazer esteios
Castanheira	
Sapucaia	Madeira boa para barcos
Tamimbuca	É muito cara, e muito boa para fazer móveis. É muito rentável/vendável
Timburana	Para móveis

VII Toponímia das comunidades do rio Capim

O significado corrente de toponímia²⁰ aponta que se trata dos nomes relacionandos aos lugares, suas origens e evolução. A divisão onomastica revela elementos linguísticos e históricos importantes nos processos identitarios e nos processos de territorialização dos povos e comunidades tradicionais. História, Arqueologia, Antropologia e Geografia tem, recentemente insistido na toponímia como forma de expressão e conhecimento das sociedades. A linguística, em especial a semiologia, desenvolve um campo de estudos sobre a toponímia.

²⁰ Toponímia vem do termo s τόπος (tópos), lugar, e ὄνομα (ónoma), nome, literalmente, o nome de um lugar

Nesta pesquisa está sendo relevada a singularidade da toponímia. Um dos termos que registra centralidade é Aproaga. Barbosa Rodrigues (1785) indica que este termo vem de Guiana Francesa. De fato, existe um lugar chamado Approague nessa colônia francesa. Mas, a orientação da pesquisa foi destacar os diversos nomes registrados ao longo do rio Capim. Por exemplo, Quiandeua pareceria uma palavra de origem africana a qual estamos dando atenção. Uma parte dessa toponímia se relaciona aos Santos da religião católica: São Bento, São Raimundo, São Caetano, Santa Rosa, São Miguel, Conceição. Outros nomes associam-se a línguas indígenas.

Quadro 2. Toponímia ao longo do rio Capim

- | | |
|--|---------------------|
| 1. Ribeira | |
| 2. Quiandeua | 21. Santa Rosa |
| 3. Badajó | 22. Caetano |
| 4. Retem | 23. São Mateus |
| 5. Mamorana | 24. Bela Vista |
| 6. Santo Reis | 25. São Miguel |
| 7. Juju | 26. Barreirinha |
| 8. Alegre Vamos | 27. Vila Nova |
| 9. São Raimundo | 28. Nova Uma |
| 10. Deus Por Nós | 29. Nova Esperança |
| 11. Cajueiro (já fez parceria
com a mineradora
Imirys) | 30. Boa Esperança |
| | 31. Boa Esperança I |
| 12. São Tomé | 32. Beirajuba |
| 13. Nova Vida | 33. Taperinha |
| 14. Nova Canaã | 34. Sauá Grande |
| 15. Bom Intento | 35. Sauá Miri |
| 16. Cipoteua | 36. Taperuçu |
| 17. São Luis | 37. Benevides |
| 18. Santo Amaro | 38. Monte Alegre |
| 19. Pontinha | 39. Breves |
| 20. Areal | 40. Aliança |
| | 41. São Bento. |

VIII Referências bibliográficas

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, 1992.

RODRIGUES, João Barbosa. Exploração e Estudo do Valle do Amazonas. RJ: Typographia Nacional, 1875.

WALLACE, Alfred Russel. Viagens pelos rios Amazonas e Negro. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BARBOSA, Maria Betanha Cardoso e ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. Manejo e uso comum dos recursos naturais em populações quilombolas no Vale do Rio Capim.

Disponível em <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/337/693>



Universidade Federal do Pará

**Projeto de Pesquisa "Diagnóstica do Engenho Aproaga e seu Entorno a ser Realizado em
Parceria com as Comunidades Locais"**

Processo no IPHAN: Processo nº 01492.000372/2011-75

Contrato Nº 06/2012

PROJETO DE PESQUISA

Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga

**Território de Pescadores no Vale do Rio Capim:
de Quiandeuá a Graciosa**

Relatório de Pesquisa Individual:

Ângelo Pessoa Lima

**Belém
Março/2012**

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Rio Capim no âmbito da Bacia Amazônica.....	5
Figura 2 – Afluentes do Rio Capim.....	6
Figuras 3 a 5 – Enseadas priorizadas para a pesca.....	6
Figura 6 – Armação de barraca de pesca do rio Capim.....	7
Quadro 1 – Espécies de pescado mais comuns no rio Capim.....	8
Figura 7 - Pescador familiar em uma enseada do rio Capim aguarda pelo resultado da pescaria que proverá alimentos para a família.....	9
Figura 8 – Senhor Juca, pescador artesanal, realiza a atividade a bordo do barco “Remanse II”	9
Figura 9 – Caixa com gelo para armazenar as Douradas, produto de uma pescaria que iniciou de madrugada.....	10
Figura 10 – Senhor Juca, seu barco e canoa onde está o produto da pescaria.....	10
Figuras 11 e 12 – Criança ensaia pescaria, na frente do povoado.....	11

Sumário

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

1 A pesca: uma atividade coletiva.....	4
1.1 Instrumentos e técnicas de pesca.....	8
2 O vale do rio Capim dificuldades para os pescadores.....	9
3 Mudanças na pesca.....	12
4 A segurança alimentar dos povoadores do rio Capim dificultada pela falta de peixe e farinha.....	13
5 Considerações finais.....	14
Referências	

Território de Pescadores no Vale do Rio Capim: de Quiandeuá a Graciosa

1 A pesca: uma atividade coletiva

O presente relatório de pesquisa²¹ sobre os territórios de pesca no vale do rio Capim estrutura-se na forma de uma “arqueologia” e de descrições etnográficas realizadas aqui com caráter preliminar. Refiro, aqui, que no Plano de Trabalho do Projeto, na III Etapa, está previsto o aprofundamento de questões relativas a: “territórios e canaviais”; “territórios e roças”; “território e pesca”; “território e caça”; “território e memórias”; “territórios e sociabilidade” e será realizado mediante oficinas.

Uma leitura que permite aguçar as observações sobre a pesca foi o livro de Raimundo Lopes, resenhado por Acevedo (2012). Nesta resenha é identificado o que o autor chamou “complexo da pesca” no Brasil, com destaque para a construção metodológica do intelectual maranhense, quem se dedicou às leituras de trabalhos de etnógrafos, viajantes, missionários para compreender as técnicas da pesca, relacionando-as com os instrumentos, as práticas e a linguagem.

No relativo à noção de “complexo”, esta se aproximaria de uma lógica de sistemas de classificação dos “aparelhos” de pesca (socó e jequi), ao mesmo tempo em que aponta as inovações, as invenções independentes. O procedimento comparativo entre as “formas culturais dos povos”, representa uma contribuição de Lopes (2010, p. 71).

As observações de Lopes foram realizadas no rio Turiaçu, fronteira Maranhão e Pará, no intervalo de 1927 a 1930, e nelas insiste na descrição da pesca como uma forma de trabalho e de organização coletiva.

Diversas observações, registros fotográficos e entrevistas realizadas durante a excursão de Quiandeuá a Graciosa permitem aferir essas formas coletivas. Ao longo do trajeto sinuoso do rio Capim formam-se as “enseadas”. Lima (2005) o descreve como “meandrante”:

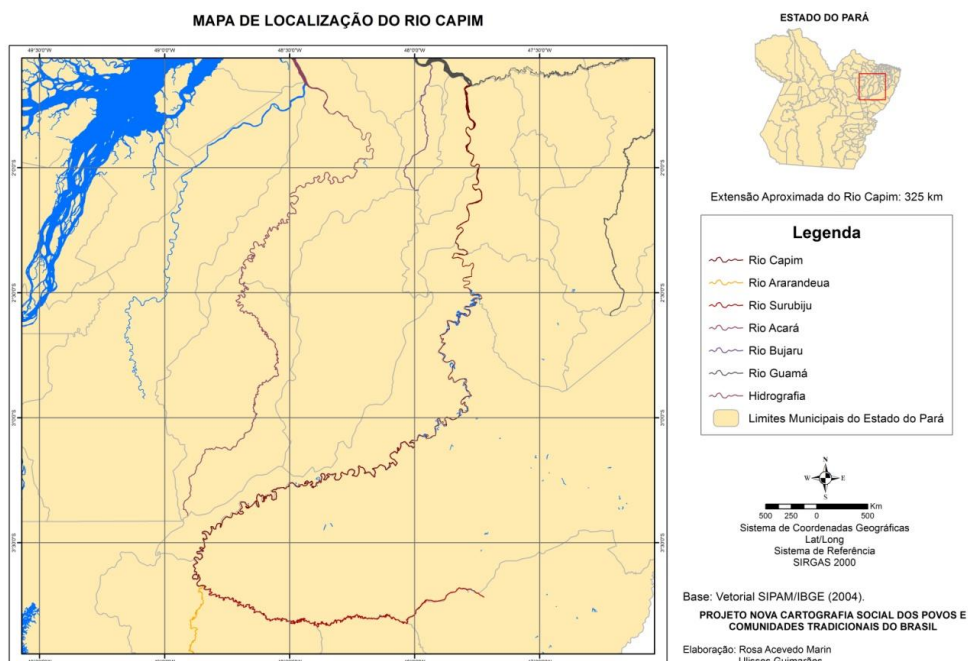
²¹ O trabalho de campo foi realizado entre 15 e 21 de março de 2013. O percurso foi feito de Belém a IPIXUNA do Pará, e desta cidade até o povoado Ribeira, onde nos aguardava o barco do Sr. Josué Pinto Pereira, que nos conduziu até Quiandeuá, onde a equipe permaneceu um dia. Esta retornou a Ribeira, onde pernitoou o segundo dia. O trecho Ribeira até Sauá Mirim foi feito nos dias 18 e 19 de março. As entrevistas e oficinas com os quilombolas do Aproaga foram realizadas por parte da equipe no domingo, dia 17 de março. Permanci no território dos Quilombolas do Aproaga até dia 21 de março.

O rio Capim, afluente do rio Guamá, é navegável desde sua foz situada junto à cidade de São Domingos do Capim até a foz do rio Puritirá, a montante da cidade de Santana. Nasce nos contrafortes da Serra dos Coroados, no Sudeste do Estado do Pará. Sua extensão total é da ordem de 600 km dos quais cerca 470 Km na planície Amazônica. Neste trecho, o rio apresenta-se meandrante, com fortes curvas e as demais características típicas de um rio de planície. A bacia hidrográfica do rio Capim tem a forma de um retângulo alongado e rede de drenagem irregular, devido a pouca declividade da região, com forte controle tectônico de seus tributários. (LIMA, 2005, P. 3789).

No mapa abaixo é destacado o rio Capim no conjunto das bacias da região Amazônica.



Figura 1 – Rio Capim no âmbito da Bacia Amazônica.



Este segundo mapa do rio Capim representa alguns afluentes. Pode observar-se a frequência de curvas, ou meandros, de sua formação.

Figura 2 – Afluentes do Rio Capim.

Para os pescadores que realizam sua atividade cotidianamente no rio Capim, o que eles denominam “enseadas”, são importantes e elas são classificadas como “boas para se armar rede”. As fotos a seguir mostram algumas enseadas.



Figuras 3 a 5 – Enseadas priorizadas para a pesca.

Descendo o rio Capim, muito próximo do povoado de Quiandeua, foram fotografadas umas barracas de pescador. Estas têm armação provisória, com parede e cobertura de plástico. O Sr. José Luis dos Santos, 45 anos, informa que os pescadores se reúnem nestas barracas para passar a noite e dormir. Durante as primeiras horas do dia, cada um realiza a pesca na sua embarcação. “Cada um vai pescar para o seu lado. Eles vão com isopor e gelo”.

Lopes (2011) chamou de “rancherias” estes lugares e descreveu a movimentação para a “salga”. Também, frisou que “moradores do município, inclusive ‘gente de lavoura’ deixava as “moradias de terra firme” e organizavam nas margens do rio as “barracas dos salgadores”. Define que “povoações temporárias da salga, das rancharias” constituíam uma “sociedade adventícia”

dirigida pelos “chefes de rede”. Lopes destaca que, no final da faina da pesca, havia as “danças ao tambor, à noite entre as barracas”.

A forma coletiva parece restringir-se à construção e direito de permanência nas barracas. Os grupos de pescadores possuem relações de companheirismo e solidariedade no trabalho da pesca. As barracas de pesca do rio Capim têm caráter temporário e adotam a conservação no gelo dos produtos da pescaria.



Figura 6 – Armação de barraca de pesca do rio Capim.

1.1 Instrumentos e técnicas de pesca

O “segredo da pesca” é a rede e bons anzóis, nas palavras do Senhor José Luis dos Santos. As redes são confeccionadas em nylon monofilamento poliamida e com comprimento, altura e o tamanho da malha varia conforme a espécie-alvo. O uso de espinhel (linha que utiliza mais de um anzol) é bastante frequente. As linhas de mão e anzol apresentam poucas diferenças, e são instrumentos da pesca artesanal. As primeiras são fabricadas de nylon e facilmente adquiridas nas cidades próximas ou mesmo em pequenos comércios.

Em oficina realizada em setembro de 2012, informaram que os instrumentos pouco tem mudado em relação aos seus avós e pais. Afirmaram que “os instrumentos ainda são os mesmos”, acrescentando ao espinhel e à malhadeira, as técnicas de “curral”, no inverno, e de “camboa”, no verão. Outro nome de instrumento mencionado é a piraquera ou zangalha, cujo uso depende da espécie alvo e da estação. O calendário da pesca no rio Capim acompanha os períodos de chuva e seca. Na época chuvosa – de janeiro a maio, a pescaria tem melhores resultados. Como isca é utilizada a minhoca e o “próprio peixe serve para isca”.

Os instrumentos de pesca são objeto de uma atitude de atenção e observação. Cuidados materiais são acompanhados de uma vigilância para descobrir se “pegaram panema”. Os artefatos como Espinhel e Curral podem pegar “panema”; daí eles devem comprar um novo. Os antigos podem

ser utilizados para outras atividades, mas não mais para a pesca. O fato de pegar panema torna improdutivo e pode azarar a pesca. Na visão dos entrevistados, “algumas pessoas usam estes artefatos com panema para fazer feitiço”.

Os entrevistados informaram que as espécies encontradas com mais frequência no rio Capim são:

Quadro 1 – Espécies de pescado mais comuns no rio Capim

Nome comum	Nome científico
Pitada	(não identificado)
Caboca	(não identificado)
Piranha	<i>Serrasalmus spp.</i>
Mandive	<i>Pimelodus blochii</i>
Dourada	<i>Brachyplatystoma flavicans</i>
Tucunaré	<i>Cihla spp.</i>
Filhote	<i>Brachyplatystoma filamentosum</i>
Aracu	<i>Leporinus faciatu</i>

2 O vale do rio Capim dificuldades para os pescadores

Atualmente, os pescadores locais e os que procuram locais de pescaria no rio Capim e vêm de Paragominas e Ipixuna do Pará, encontram dificuldades para obter, na jornada, peixes pequenos e medianos, e é praticamente impossível, ter a satisfação de conseguir os peixes grandes. As pescarias devem se prolongar, e este maior dispêndio de tempo não é compensado.

A concorrência da pesca comercial –entendida como atividade com objetivo profícuo de comercialização fora do local do produto da pesca – com a atividade feita por membros da família para se garantir o alimento diário tem-se acentuado, sem possibilidade de controle dos “ribeirinhos” do Capim. As “comunidades” buscam produzir esse controle nos domínios de cada comunidade. Desta forma, quando se pesca fora dos domínios da comunidade, há uma forma de parceria com os pescadores das comunidades locais. Isto funciona como uma autorização não formal para a pesca, realizada por uma simples comunicação. Estas regras de exploração dos recursos do rio e da várzea estarão sendo aprofundados na Etapa III da pesquisa.

Entretanto, a diferenciação se estabelece com barcos de pesca que se dirigem para o médio e Alto Capim, com possibilidades de pescarias mais rentáveis. Estes instalam redes maiores ou podem usar formas agressivas, como as relatadas de uso do “bico doce”.



Figura 7 - Pescador familiar em uma enseada do rio Capim aguarda pelo resultado da pescaria que proverá alimentos para a família.

Em algumas enseadas os pescadores aguardam para vender o produto da pesca.



Figura 8 – Senhor Juca, pescador artesanal, realiza a atividade a bordo do barco “Remanse II”. Nesta jornada divide o trabalho com um companheiro.



Figura 9 – Caixa com gelo para armazenar as Douradas, produto de uma pescaria que iniciou de madrugada.



Figura 10 – Senhor Juca, seu barco e canoa onde está o produto da pescaria.

Na frente do povoado, a criança ensaia a pesca com linha e anzol. Observa-se, ao seu lado, um copo plástico contendo as iscas.



Figuras 11 e 12 – Criança ensaia pescaria, na frente do povoado.

3 Mudanças na pesca

Os senhores Antônio José Brito Fialho, José Coutinho da Silva e o Sr. Mauricio falaram muito sobre a pesca de antigamente, que era uma “pesca para a família; não existia ambição”. Um deles comentou que “o avô, quando pescava um peixe grande, chamava a família e comia junto, distribuía entre os parentes”.

Os comentários sobre a escassez e o tamanho dos peixes, quase minúsculos, foram recorrentes nos relatos ouvidos. Em São Mateus, o senhor Ricardo e sua filha Elizete tinham saído para pescar e regressaram com três pequenos peixes, com menos de 15 centímetros de largura. Outra observação foi feita ao longo da excursão, quando foram feitas tentativas de captura de peixes na Ribeira, em Nova Vida e Deus por Nós.

A destinação comercial da pesca parece ser o elemento indicador de mudanças. Os três entrevistados destacaram a atividade como fundamental ao sustento das famílias e comentaram que hoje em dia “se pega peixe pra vender”. A intensificação das pescarias como a que eles chamam de “bico doce” foi objeto de descrição e de uma acusação aberta, pois esta pesca “acaba, destrói” com os peixes. Segundo eles, os peixes que não são capturados, morrem depois. O “bico doce”, na verdade, é um veneno que é colocado na água para facilitar a captura dos peixes. Os entrevistados disseram que esse veneno influencia na reprodução dos peixes; no período posterior ao uso do “bico doce”, nota-se uma diminuição da quantidade de peixe no rio.

A redução da pesca é decorrente do acentuado desmatamento das cabeceiras de rios e igarapés que deságuam no rio Capim. O desmatamento nos municípios que são banhados pelo rio Capim iniciou na década de setenta e tem-se acentuado drasticamente. Em 2007, ocorreram vazamentos do mineroduto da Vale, fato que é narrado como gerador da contaminação do rio Capim por Caulim. Eles nos narraram que este vazamento causou mortandade de peixes como “sarandí,

piáu, piranha e arraia”. A mortandade prolongou-se por cerca de 15 dias. A ocorrência foi entre Nazaré até Canaã, influenciando o córrego Goiabal num lago abaixo de Canaã, entre São Sebastião e Canaã.

Entretanto, não foi só a fauna aquática que sofreu com essa contaminação. As pessoas que vivem e trabalham na região sofreram com o contato com a água contaminada. O Sr. José Coutinho da Silva, de 69 anos de idade, nos disse que, nessa época, trabalhou nos fundos da Fazenda Maringá. Ele e outros estavam limpando os “picos” do terreno. Foram três meses de trabalho em que ficavam molhados todo o tempo; utilizavam calça comprida e botas. O Sr. José nos disse ainda que todos os 5 companheiros que lá trabalhavam apresentaram os sintomas. A idade deles era de 69, 35, 28 e 45. A diferença é que os outros se curaram com um mês depois do término das atividades. O problema é que no caso do Sr. José os sintomas ainda não acabaram. Os sintomas são feridas secas, a aparência é de cascas de feridas cobertas por um pó branco. O Sr. José nos disse que sente muita coceira nas feridas, e que, quando ele coça, um pó branco se desprende da superfície e normalmente sangra²².

4 A segurança alimentar dos povoadores do rio Capim dificultada pela falta de peixe e farinha

Em fevereiro de 2012, foi entrevistada²³ a Sra. América dos Santos. Por alguns meses teve que permanecer na cidade de Belém, no bairro do Guamá, onde moram seus familiares. Em um momento fez um comentário de lamentação e surpresa. Não tinha recebido farinha de mandioca de Taperinha, o que seria usual de receber agrados de farinha. Portanto, algo está passando, o que está ocorrendo? Essa era a questão não explicitada.

A escassez de farinha torna-se um comentário repetido entre os povoadores do rio Capim. Corre como o rio o boato de que algo inusitado está ocorrendo. Por que deixaram de plantar macaxeira para fazer a farinha, a tapioca, a goma?

E o peixe? A senhora América respondeu:

Peixe? Tem igarapé no, tem igarapé e muito peixe vocês não chegaram irem no igarapé que a Gracinha morava pra lá no Hem:::?. No rio Capim não tinha peixe? No rio tem, no rio só tem mesmo daqueles peixão agora pra gente pegar tem que fazer um Corral [Curral]um Acaboa, a gente faz Corra[Curral] , Acaboa [Pesquisadora: O que é isso, o que é Acaboa?] Acaboa? E uma coisa assim olhe precisa cercar aqui agora agente bota um palito na boca, põem milho bem aqui nenhuma árvore quando ta mexendo assim na margem agente pode puxar ela do pari sartar [Saltar]que os peixe fica tudo dentro agente só vai pegar.

²² Os presentes consideram que estas feridas sejam efeitos da contaminação do Caulim, mas o fato da atividade na fazenda, vestidos com roupas encharcadas durante três meses pode ter causado um sério fungo na pele. Ele não conseguiu se tratar até hoje; não tem dinheiro para ir até a cidade para visitar o posto de saúde.

²³ A entrevista, realizada por Rosa Acevedo Marin e Irislane Pereira de Moraes, foi filmada e transcrita.

Pesquisadora: você pescava?

Dona América: Éh::: Pescava eu gustava [Gostava] de ta pra Camboa, quando tava mexendo assim na vara, eu só ia puxar o pari sortava [Soltava] éh::: ia consertar lá dentro quando eu ia pegar era muito eu peixe, eu pegava muito peixe lá... [Pesquisadora: Pra comida de todo mundo?] pra comida e da pro puvo [Povo] era agente comia pegava um bocado agora os vizinho vinha se admirava. Mais olha esse peixe eu queria um tome, tirava um bocado, dava pra um, dava pra outro vizinho era [Pesquisadora: Só pra comer, não pra vender?] Não, não pra vender, só pra comida, dá pro outros também agente dava ... Por isso que eu gustava [Gostava] quando eu tava lá, quando eu tava lá nós ia pescar, nós puxava peixe, nós ia tapar Caboa tudo ai, eu ia com eles [Pesquisadora: Quais são as outras formas de pescar que tem lá?] éh:::[Pesquisadora: pra Camboa, Curral que tem mais pra pescar?] anzol, espinhel [Pesquisadora: Como éh:::?] espinhel. Espinhel agente botar um anzol aqui, outro acolá, um anzol aqui, outro acolá e agora vai indo, éh::: agora agente puxa cada filhote grande. [Pesquisadora: Quais são os peixes que tinha?] Filhote, filhote, saranha tudo agente puxa lá ... No espinhel, na rede, tarrafa... Sabe o que tarrafa? Pois e ocê [Você] compra tarrafa ocê [Você] agente joga na água pega aquele bocado de peixe, um dia desse eu comprei uma tarrafa, mais dizendo que pega bem peixe pra lá tarrafa...

Essa narrativa referida a outro tempo de abundância, de controle das pescarias entre os povoadores do rio Capim, das regras de usufruto, de distribuição, do prazer de pescar diferentes peixes, contrapõe-se às situações de escassez, com explicações múltiplas (uma delas as transformações provocadas na fauna aquática pelas intervenções na bacia) e as mudanças por força da comercialização.

A partir de diversas observações e comentários, é possível afirmar que a segurança alimentar dos quilombolas do Aroá (identidade coletiva e organização que está em fase de construção em Quiandeu e São Mateus) e mais de três dúzias de povoados está experimentando fome de farinha de mandioca e de peixe, que, além de alimentos básicos, constituem as formas de existência social e cultural desses grupos.

5 Considerações finais

Os pescadores artesanais que vivem na comunidade quilombola de Sauá-Mirim e Alegre Vamos, lembraram de pescarias e passeios ao longo do rio Capim e as visitas a parentes e amigos nos povoados vizinhos localizados à beira deste rio e de igarapés. Quando, assinalam, alguns deles comentavam sobre a sua rede de relações sociais e de vizinhança. Sobre alguns comentavam se tratar de um bom lugar para se pescar com esta ou aquela técnica.

Os entrevistados não deixaram de mencionar os fatores de contaminação; a invasão de pescadores comerciais no rio Capim. Uma série de informações e os dados construídos a partir deste trabalho de campo serão canalizados para a próxima etapa, de maneira a aprofundar o que representa a pesca do rio Capim como parte de “complexo de pesca” nas sociedades pesqueiras do Pará.

Referências

ACEVEDO MARIN, Rosa. Escritos não tangenciais no diálogo com Raimundo Lopes. *Boletim Museu Paraense Emilio Goeldi*, Belém, v. 6, n. 3, p. 619-621, set./dez. 2011.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Raimundo Lopes: dois estudos resgatados*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. Prefácio de Luis de Castro Faria. 171 p.

LIMA, Aline Maria Meiguins de. Sistema de informação de recursos hídricos como subsídio à elaboração do plano diretor da bacia do Rio Capim – Pa. Anais do XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. Goiânia. Brasil. 16 a 21 de abril de 2005.

Região do Turiaçu. <http://pt.scribd.com/doc/60853856/REGIAO-HIDROGRAFICA-DO-RIO-TURIACU>



**Projeto de Pesquisa Diagnóstica do Engenho Aproaga e seu Entorno a ser
Realizado em Parceria com as Comunidades Locais
Processo no IPHAN: Processo nº 01492.000372/2011-75
Contrato Nº 06/2012**

Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga

Relatório de Pesquisa Individual:
Irislane Pereira de Moraes

**Belém
Abril/2013**

APRESENTAÇÃO

Este relatório visa apresentar as principais atividades e observações etnográficas que fiz durante a Excursão Quiandeua a Graciosa, a qual foi realizada entre os dias 15 a 21 de março de 2013, no âmbito do Projeto **“Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga”**.

Neste trabalho de campo estiveram presentes os membros da equipe: Rosa Acevedo, Fernando Marques, Eliana Ramos, Angelo Pessoa, Manoel Clauderi Coutinho da Luz, e Irislane de Moraes. Além destes, contamos com o trabalho dos Sr. Josué Pinto Ferreira e o Sr. José Luis Santos Cunha, que foram os barqueiros contratos para a condução do barco, e a sra. Edilena Santos que contribui em toda a viagem com a preparação das refeições.

1. As atividades de pesquisas realizadas

1.1. O Georeferenciamento Ipixuna do Pará-Estrada da Ribeira

Conforme roteiro de viagem, a equipe de pesquisa saiu de Belém as 04:00 horas da madrugada, seguindo pela BR-316 até a altura da BR-010, ao chegarmos ao município de Mãe-do-Rio apanhamos o sr. Manoel Clauderi e, seguimos viagem o município de Ipixuna do Pará.

A partir da sede do município de Ipixuna do Pará, seguimos rumo às margens do rio Capim, através da chamada “Estrada da Ribeira”. Ao longo desta estrada de chão, já fomos procedendo ao registro fotográfico e ao georeferenciamento com GPS de navegação, para o que adotamos o sistema de coordenadas geográficas e como referencia o Datum WGS 84. Outrossim, a precisão oscilou na margem de 3 metros.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PRECISÃO
01	Ipixuna do Pará	S 02° 33'21.1"	W 0 47°29'47. 9"	Município afetado por megaprojetos do agronegócio e mineração	Madeireiras e/ou Serrarias; Fazendas; Mineração (Caulim)		3m

Pela *Estrada da Ribeira* passa-se então, por pequenos povoados como os denominados por “São Vicente”, “5”, “10” e “13”²⁴; a gleba “5” é conhecida como Nossa Senhora da Conceição. Estes povoados são interligados por ramais (apesar de ser inverno, estavam em razoável estado de tráfego) e margeados por extensas áreas de fazendas, tais como as “Em boas mãos” e a “São Pedro”, “Fazenda Redenção”, “Fazenda Soberano”.

Segundo o informante Sergio da Silva Sarnento (32 anos), o ramal do povoado “10” vara no município de São Pedro da Agua Branca (MA). E do lugar referido como “88” até perto de Aurora do Pará, tratar-se-ia de um uma imensa fazenda denominada “Chão preto” pertencente ao Senador (PA) Jader Barbalho, na qual estaria visando implantar o monocultivo de dendê.

Durante o percurso na “Estrada da Ribeira”, por duas vezes cortamos o rio Ipixuna, que no primeiro ponto estava bem assoreado, com fino curso d’água; na segunda vez, tinha mais volume d’água e ali sobre a sua ponte fizemos um ponto de GPS.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
02	Rio Ipixuna (ponte)	S 02°32’41.8”	W 047°34’23.5”	Rio afetado por megaprojetos	Desmatamento por projetos do agronegócio	43m	3m

Ao que consta, nesta região houve grande atuação de madeireiras, como no caso do povoado “13”, onde atuou a empresa Madeireira América Ltda. que seria do madeireiro conhecido como “Zé Angelo”. Neste lugar, há a Escola de Ensino Fundamental “Palheta Batista” e uma igreja católica as margens da “Estrada da Ribeira”:

²⁴ Os povoados são denominados por números, talvez isso deva-se a sequencia de lotes da Gleba.



Escola e igreja católica do Povoado “13”. Ipixuna do Pará, trabalho de campo, 15. 03. 2013.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
03	Povoado “13”	S 02°32’01.8”	W 047° 38’14.1”	Povoado	Desmatamento por Madeiras	80m	3m

Dali seguindo pela Estrada, passa-se inclusive por áreas de fazendas onde funcionaram as vilas e instalações de serrarias na região. Portanto, ao longo do trajeto nota-se as áreas descampadas em substituição ao capim, mesmo aquelas zonas ciliares dos cursos d’aguas.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
--------	------	----------	-----------	--------	-----------	------	-------

04	Vila de serraria (desativada)	S 02°31'29.8"	W 047° 38' 39.3"	Desmatamento por Madeiras e/ou Serrarias	Antiga Madeireira, as margens Estrada da Ribeira; prox. do Povoado "13"	64m	3m
----	-------------------------------	---------------	------------------	--	---	-----	----



Entrada de fazenda onde havia antiga serraria. Ipixuna do Pará, trabalho de campo 15.03.2013.

Nesse contexto, entende-se que o desmatamento agenciado com a instalação de indústrias madeireiras tem subsequente prosseguimento com o estabelecimento da agropecuária de extensas fazendas.



Vista das extensas áreas de pastos, Fazenda Redenção. Ipixuna do Pará, trabalho de campo 15.03.2013.

Na contradição inerente ao processo de devastação de florestas e iguarapés, mediante o desmatamento e implantação de madeiras e áreas de pastagens, os proprietários sentem-se em autoridade para determinar a estrita ordem “proibido a caçar e

pescar” com se avista na entrada da Fazenda Redenção, que por sua vez faz limite com a “Soberano”.



Entrada da sede da Fazenda Redenção. Ipixuna do Pará, trabalho de campo 15.03.2013.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
05	Fazenda Redenção	S 02°30'13.2"	W 047° 41' 21.9"	Desmatamento por Agronegócio(fazendas)	Projeto de agropecuária extensiva	46	3m

1.2. Da Ribeira a Quiandeuá: conhecendo as comunidades no alto vale do Rio Capim

Após este percurso de estrada de chão e o georeferenciamento da sede do município de Ipixuna do Pará até as margens do rio Capim, chegamos ao lugar denominado “Ribeira”. Ali, já nos aguardavam os Srs. Josué Pinto Ferreira e José Luis Santos Cunha, os barqueiros, que juntamente com a Sra. Edilena Santos haviam navegado desde a vila DER no baixo rio Capim por mais de 10 horas de barco rio acima.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
06	Ribeira	S 02°31'15.5"	W 047° 43' 56.8"	Povoado	Margem Direita do Capim	20m	3m

Por conseguinte embarcamos os equipamentos, bagagens e alimentação para viagem, e seguimos rio acima para a comunidade de Quiandeuá. As habitações em Quiandeuá estão instaladas em área bastante elevada em relação ao rio, tendo que se por um barranco. Há um conjunto de cerca de 20 casas, vimos os quintais com plantas medicinais como erva cidreira, gengibre, patchuli, árvores frutíferas como mangueiras,

mamoeiros, coqueiros, tomateiros, entre outros; e verduras em jardim suspensos com cheiro verde e cebolinhas. A escola já atende ensino médio e chama-se “Castelo Branco”.



Equipe sobe o barranco para chegar a Quiandeua. Trabalho de campo 16.03.2013.



Canteiros em quintais de Quaindeua. Trabalho de campo 16.03.2013.



Escola da Comunidade Quilombola de Quiandeua. Trabalho de campo 16.03.2013.

Então, em Quiandeuá conhecemos a Sra. Iracy que em seguida se apresentou como “Cota” e nos levou até a residência de seu pai, Raimundo Aires e a Sra. Marlete Nunes. Estas pessoas nos concederam entrevistas, passando a relatar as lembranças que tinham sobre o tempo do Aproaga (neste momento, utilizamos fotografias como possibilidade de aguçar a memória em torno do antigo engenho), demonstrando aspectos acerca do povoamento do alto Capim, e no caso, do Sr. Raimundo contou-nos que sua mãe tinha sido escrava e havia nascido no lugar denominado “São Bento” ²⁵.



Equipe de Pesquisa do Projeto entrevista o sr. Raimundo de Aires, Trabalho de campo 1.03.2013.

Ainda em Quiandeuá, conhecemos o Sr. Antônio dos Santos (telefone: 91 9311-3392), o qual está diretamente envolvido na organização política da comunidade através da fundação da “Associação dos Quilombolas da região do Rio Capim” em 22 de julho de 2012, então, compostas por 108 associados, de cinco comunidades (das quais Quiandeuá, Mamorana, Joíra). Este fito se efetiva ainda com a entrada da solicitação de regularização fundiária do Território, junto ao Instituto de Terra do Pará (INTERPA) mediante da tomada de consciência de seus direitos a autodeterminação da identidade coletiva de quilombolas na região do rio Capim.

²⁵ Conforme Relatório Histórico Antropológico do Rio Capim, apresenta por Acevedo *et al* (2012:41) ao IPHAN, São Bento do Rio Capim foi chamada freguesia de “vara índia”, lugar de ocorrência fugas de índios. Outrossim, o sobrenome “Ayres/Aires” é encontrado na documentação histórica em referencia ao Senhor de engenho Andre Miguel Ayres, hoje, entre os “Povos do Aproaga” registra-se quilombolas com o mesmo sobrenome, a exemplo de Dona Barbara Ayres, a “Baruka” do Sauá-Mirim.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
07	Quiandeua	S 02°36'41.8"	W 047° 51' 52.5"	Comunidade quilombola	Margem direita do Capim; Ameaçada por projetos do agronegócio de fazendas e monocultivo (dendê e eucalipto)	14m	3m

Ocorre ainda que o território quilombola de Quiandeua está sob ameaças de um fazendeiro (nome "Ofino") que se diz dono da área e quer expulsar a comunidade. Além disso, o território sofre com a chegada dos projetos de monocultivo de dendê, ali no entorno de 7km, área em que estão os igarapés Joíra e o Tujujú, portanto sujeitos a contaminação com agrotóxicos. A empresa que está instalando o plantio e imprensando o território, segundo o Sr. Antonio, seria a "Belém Brasil Bioenergia".



Fotos da produção da empresa Belém Bioenergia Brasil S/A, que pressiona o Território e igarapés de Quiandeua, mas através do plantio de dendê. Disponível na internet (acesso 06.04.2013): <http://www.facebook.com/pages/Bel%C3%A9m-Bioenergia-Brasil-SA/295339077185707?fref=ts>

Na região em que está instalado o território quilombola de Quiandeua, há também projetos de monocultivo do eucalipto, diretamente ligado a propriedade e ações do deputado Sidney Rosa²⁶ (PSDB).

²⁶ Em 1º de março de 2011, o site Repórter Brasil via Diário do Pará Publicou a matéria "Entidades pedem saída de Secretário" de Projetos Estratégicos do governo do Pará, Sidney Rosa, em virtude dele responder a processo criminal na Justiça Federal do Maranhão pela prática de trabalho escravo, com base no relatório do Ministério Trabalho e da Delegacia do Trabalho do Maranhão, 40 trabalhadores foram encontrados por agentes federais em "condições degradantes" e em "regime de escravidão" na fazenda Vitória, de propriedade de Sidney Rosa,



Plantio de eucalipto as margens do rio Capim e Quiandeua. Trabalho de campo 17.03.2013.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
08	Plantio de Eucalipto	S 02°37'16.1"	W 047° 49' 39.1"	Desmatamento por Agronegócio (Monocultivo de eucalipto)	Margem direita do Capim; Afeta o território de Quiandeua; Pertence ao Dep.Sidney Rosa(PSDB)	14m	3m

1.3. O vale do rio Capim: georeferenciamento de Quiandeua-Aproaga na ocupação de “longa duração”

O vale do rio Capim apresenta um povoamento de longa duração, seja pela ocorrência de sítios arqueológicos, registro na documentação histórica, quanto à expressão da diversidade cultural e étnica, seja indígenas, quilombolas e outros povos tradicionais.

Apesar do potencial arqueológico do vale do rio Capim, apontado desde os registros etnohistóricos de Barbosa Rodrigues (1875), ainda são poucas as pesquisas arqueológicas realizadas nesta região.

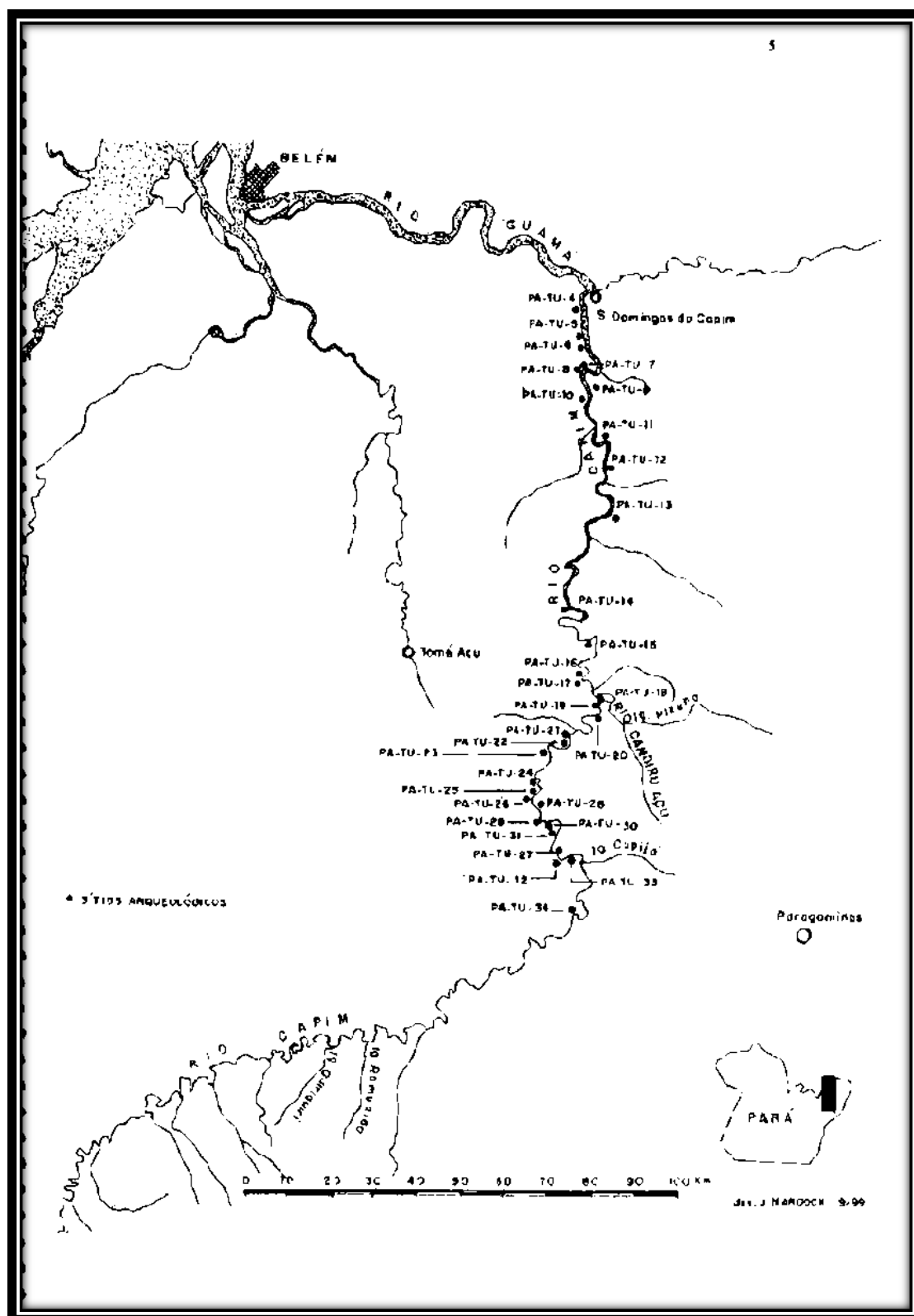
que em 2003, na ocasião do fato, era prefeito de Paragominas. Disponível: <http://reporterbrasil.org.br/2011/03/entidades-pedem-a-saida-de-secretario/> acesso 06 de abril de 2013.

Ressalta-se, a prospecção arqueológica realizada pelo Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG), onde Magalhaes (2000) registrou em relatório de pesquisa a existência de sítios arqueológicos pré-coloniais classificados como “cerâmicos”, pois apresentaram características indicativas de padrões de assentamentos “de antigas aldeias indígenas, cujos membros produziam cerâmica e praticavam a agricultura”.

Além disso, nessa pesquisa de arqueologia preventiva do MPEG, foram registrados cinco sítios arqueológicos que expressaram a ocupação multicomponential do Vale do Capim, ou seja, além de apresentarem materiais cerâmicos, também possuíam vestígios da ocupação humana do período colonial (Magalhães, 2000; Moraes, 2012).

Faz-se necessário diferenciar que a prospecção arqueológica realizada por Magalhaes (2000) saiu do município de São Domingos do Capim assim subindo o rio até o lugar referido como “Boa Ventura”, ao contrario esta nossa equipe de pesquisa saiu do povoado “Ribeira” seguiu até Quiandeua, no município de Ipixuna do Pará, assim descendo o rio Capim desde o “Alto” até o seu baixo curso onde está o Território dos “Povos do Aproaga”.

Mapa dos Sítios arqueológicos no vale do rio Capim



Fonte: Relatório técnico da Prospecção Arqueológica no rio Capim (Magalhães, 2000).

Para a identificação dos sítios arqueológicos marcados no mapa, conforme o relatório técnico dessa prospecção de arqueologia preventiva (Magalhães, 2000) ²⁷ e de consulta no Cadastro Nacional dos Sítios Arqueológicos (CNSA) no site do IPHAN ²⁸ Moraes (2012) montou o quadro a seguir:

Quadro 1 – Identificação de sítios arqueológicos no vale do Capim cf. Magalhaes (2000).

Sigla do MPEG	Nome	Localização	Tipo de Sítio	OBS
PA-TU-04	Ponto Chique	Trindade; Município de São Domingos do Capim	Cerâmico	Registrado CNSA / IPHAN; 98111N / 187 W
PA-TU-05	Independência	Independência; Município de São Domingos do Capim	cerâmico; colonial	Registrado no CNSA / IPHAN; 98045 N / 181W com restos coloniais, próximo a ruínas de engenho*
PA-TU-06	Mantina	Município de São Domingos do Capim	cerâmico; colonial	Registrado CNSA / IPHAN 98032 N/1811 W
PA-TU-07	Pedreira I	Pedreira; Município de São Domingos do Capim	cerâmico	Registrado CNSA / IPHAN; 9796 N/18886 W; margeado pelo igarapé Cabeça de Negro
PA-TU-08	Pedreira II	Pedreira; Município de São Domingos do Capim	cerâmico	Registrado CNSA / IPHAN; 9796 N/18886 W; margeado pelo igarapé Cabeça de Negro
PA-TU-09	Betel	Marauim, ou Betel Município de São Domingos do Capim	cerâmico; colonial	Registrado no site IPHAN; com estruturas de engenho
PA-TU-10	São Miguel	Fazenda Santa Fé	cerâmico	Registrado CNSA / IPHAN; 9787 N / 18851 W; próximo há ruínas de engenho
PA-TU-11	Sauá-Grande	Sauá-grande; Aurora do Pará	cerâmico; colonial **	S 01° 59.130' / W 047°45.138' vestígios e estruturas históricas**
PA-TU-12	Boa Esperança I	-	cerâmico	97712N / 19218W
PA-TU-13	São Francisco	São Francisco	cerâmico	97655N / 1960W
PA-TU-14	São Joaquim	São Joaquim	cerâmico	
PA-TU-15	São Luiz	São Luiz ou Conceição	cerâmico	
PA-TU-16	Santos Reis	-	cerâmico	propriedade "Sr. Elizeu" 9727N /188W
PA-TU-17	Santos Reis II	-	cerâmico	925N /188W
PA-TU-18	Badajó	Badajó	cerâmico	9722N /192W
PA-TU-19	Samaúma	Samaúma	cerâmico	9721N/192W
PA-TU-20	Retém	Retém	cerâmico	9717 N /192W

²⁷ A autorização da pesquisa foi emitida pelo IPHAN através da Portaria nº59 de 5 de novembro de 1999, com apoio institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi e financiamento da empresa Consultoria em Meio Ambiente S/C Ltda - CEMA. Disponível: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1462749/dou-secao-1-08-11-1999-pg-153/pdfView> Acesso: 05 de junho de 2012.

²⁸ Procedimento do IPHAN para cadastro e gerenciamento de sítios arqueológicos existentes no território brasileiro. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montaPaginaSGPA.do> Acesso 04 junho de 2012.

PA-TU-21	Tiandeua I	Quiandeua	cerâmico	
PA-TU-22	Tiandeua II	Quiandeua	cerâmico	
PA-TU-23	Itapeua	Itapeua	cerâmico	
PA-TU-24	Jauroca I	-	cerâmico	
PA-TU-25	Jauroca II	-	cerâmico	
PA-TU-26	Primavera	-	cerâmico	
PA-TU-27	Retificação	-	cerâmico	
PA-TU-28	Do Louro	-	cerâmico	igarapé do Louro
PA-TU-29	Tabuado	-	cerâmico	igarapé Tabuado
PA-TU-30	Pacateua	-	cerâmico	igarapé Pacateua
PA-TU-31	Boa Esperança II	-	cerâmico	
PA-TU-32	Fortaleza	Fortaleza	cerâmico	
PA-TU-33	Alto	-	cerâmico	
PA-TU-34	Boa Ventura	Boa Ventura	cerâmico	

Fonte: Elaborado a partir do Relatório da Prospecção Arqueológica no rio Capim (Magalhães, 2000), destacados os lugares e Povoados também identificados na Expedição Quiandeua-Graciosa (2013).

* Informação mencionada apenas no relatório técnico (Magalhães, 2000);

** Informação acrescida a partir do trabalho de campo de Moraes (2012) .

Então ciente da longa duração que caracteriza o vale do rio Capim, a nossa equipe desde o lugar de Quiandeua, entre os dias 17 e 18 de abril de 2013, desceu o Capim procedendo ao georeferenciamento e o registro fotográfico das comunidades e povoados identificados às suas margens. Porém, os pontos foram feitos a partir do barco, devido estarmos com pouco tempo em face do sinuoso e longo percurso do rio, não podendo fazer desembarque em cada um dos povoados:

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
09	Mamorana	S 02°35'32.0"	W 047° 49' 51.0"	Povoado	Margem direita do Capim/ Lago "mamorana"	16m	3m
10	Tujujú	S 02°35'01.9"	W 047° 48' 28.3"	Povoado e Igarapé	Margem esquerda do Capim / Foz do Igarapé Tujujú	11m	3m
11	Pena Fiel	S 02°35'11.9"	W 047° 47' 48.1"	Casa (Povoado?)	Margem esquerda do Capim	13m	3m

O lugar referido como "Pena Fiel", possui a vista das margens apenas uma casa, mas expressa um particular paisagem, em área elevada, boa vista para o rio, e principalmente cor do solo escurecida, pelo que apresenta possibilidades de ser um sítio arqueológico.

Seguindo a jusante de “Pena Fiel”, na margem esquerda está o povoado “Abacate”, ao lado do qual outrora funcionou uma serraria pertencente a uma senhora de primeiro nome “Olivia”.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
12	Abacate	S 02°34'55.2"	W 047° 46' 50.1"	Povoado	Margem esquerda do Capim	9m	3m
13	Serraria (Desativada)	S 02°33'16.6"	W 047° 47'29.8"	Desmatamento por Madeiras e/ou Serrarias	Margem esquerda do Capim; Antiga serraria	5m	3m

No curso do rio a jusante, chega-se ao histórico lugar “Badajós”. Para o povoamento do vale do Capim, outrora o Badajós experimentou grande importância, porém hoje possui algumas poucas famílias e as ruínas da Escola de Ensino Fundamental “Virto Ares” e partes das edificações da igreja local. O Badajós é referido por Barbosa Rodrigues no relato de viagem ao rio Capim nos anos de 1875, além disso, está identificado como sítio arqueológico por Magalhaes (2000) sob o registro de PA-TU- 18: Badajós, nas influências do igarapé “Candiru-Açú”.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
14	Badajós	S 02°30'46.0"	W 047° 46' 07.3"	Povoado e sítio arqueológico	Margem direita do Capim / PA-TU- 18	0m	3m
15	Santo Reis	S 02° 28'33.0"	W 047°48'26.1"	Povoado e sítio arqueológico	Margem esquerda do Capim / PA-TU:16	-12m	3m
16	Alegre Vamos (II)	S 02° 26'56.5"	W 047°48'39.2"	Povoado com escola	Margem Esquerda do Capim Local de Sondagem	-8m	3m
17	CPRM	S 02°22'50.9"	W 047°46'14.0"	Desmatamento por madeira e Mineração	da Empresa “CPRM Serviços geológicos do Brasil	8m	3m
18	Cipóteua	S 02°23'13.8"	W 047°46'04.5"	Povoado	Margem Direita do Capim	8m	4m

19	Ancuera	S 02°32'26.9"	W 047°45'25.2"	Igarapé	afluente do Capim	14m	4m
20	Pacuí	S 02°30'13.3"	W 047°39'26.8"	Igarapé	Cortado pela Estrada da Ribeira	44m	3m
21	Retém	S 02°33'18.4"	W 047°46'25.0"	Povoado e Sítio arqueológico	PA-TU-20	16m	4m
22	São Tomé	S 02°24'40.7"	W 047°46'31.7"	Povoado	Margem direita do Capim	0m	4m
23	Canaã	S 02°24'31.4"	W 047°46'30.2"	Povoado	Margem direita do Capim	7m	3m
24	Lacraia	S 02°25'46.7"	W 047°46'27.3"	Povoado	Margem direita do Capim	-6m	3m
25	Nova Vida	S 02°24'40.9"	W 047°46'36.3"	Povoado e Sítio Arqueológico		18m	3m

O Povoado “Nova Vida” é também um sítio arqueológico implantado em área elevada, onde há ocorrência de material arqueológico (fragmentos cerâmicos e de carvão) em superfície. Após a subida do alto barranco, vemos uma pequena Escola de Ensino Fundamental “São Jorge”, feita em madeira, mas já em péssimas condições; uma igreja católica e uma sequência de casas. No quintal de uma dessas casas, identificamos dois imensos buracos de cerca de 4 metros de diâmetros.

Conforme a Sra. Joana Maria Oliveira (moradora, e atual Delegada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais- STR de Ipixuna do Pará), desde quando eles chegaram ali já existiam esses buracos, “...são antigos mesmo, feitos pelos índio... de aldeia antiga”. Alíás, dona Joana ressaltou que antes eles achavam vasilhas inteiras e muitos “pedaços de pote”, mas, atualmente não encontram, pois estão cobrindo os buracos com entulhos e lixo das casas.



Vestígios arqueológicos (cerâmica e carvão) em “Nova Vida”. Trabalho de Campo, 18.03.2013.

Deixando o povoado “Nova Vida”, rio abaixo passamos pelo lugar “São Luís” e mais a jusante desembarcamos no povoado referido como “Cajueiro”. Conforme relatou dona Joana M^a Oliveira, o “Cajueiro” está bastante afetado pelos problemas e contaminações decorrentes da mineração de caulim na região, ora empreendida pela empresa Imerys - Rio Capim S/A.

Além disso, vale ressaltar que o lugar “Cajueiro” trata-se de um sítio arqueológico de classe multicomponencial, pois apresenta além de fragmentos cerâmicos, outros vestígios de cultura material como vidros, ferros e louças do período histórico.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
26	São Luís	S 02°23'28.3"	W 047° 48' 24.3"	Povoado	Margem direita do rio Capim	9m	4m
27	Cajueiro	S 02°22'48.7"	W 047° 48' 41.8"	Povoado e Sítio Arqueológico	Sítio arqueológico multicomponencial com vestígios em superfície	18m	3m



Material Arqueológico encontrado no sítio multicoponencial “Cajueiro” (1 cerâmica; 2 Cerâmica e Louça Histórica – borda de pires; 3 louça e borda com gargalo de garrafa de vidro – medicamentos?; 4 peça em ferro).

Trabalho de Campo, Cajueiro, 18.03.2013.

Nº Pto	NOME	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSE	DESCRIÇÃO	ALT.	PREC.
28	Paraíso	S 02°21'39.3"	W 047° 49' 19.7"	Povoado	Margem direita do Capim	15m	3m
29	Santa Maria do Bacuri	S 02° 21'38.2"	W 047°51'10.9"	Povoado e Desmatamento por Mineração	Margem esquerda do Capim / Empresa Imerys	20m	3m
30	Santo Amaro	S 02° 20'40.2"	W 047°50'45.9"	Povoado	Margem Esquerda do Capim	4m	3m
31	Pontinha	S 02° 20'34.1"	W 047°49'51.1"	Povoado	Margem Esquerda do Capim	2m	3m

32	Areal	S 02° 21'02.7"	W 047°48'22.8"	Povoado	Margem direita do Capim	4m	3m
33	Santa Rosa	S 02° 18'12.6"	W 047°50'01.5"	Povoado	-	0m	5m
34	Maracaxi	S 02° 18'04.2"	W 047°50'15.7"	Igarapé	Afluente do Capim	1m	4m
36	Açaiteua	S 02° 17'10.2"	W 047°50'13.1"	Ilha	-	-1	4m
37	Caetano	S 02° 15'33.6"	W 047°49'04.8"	Igarapé	Afluente do Capim	1m	4m
38	Barreirinha	S 02° 10'28.5"	W 047°47'06.7"	Povoado e Ilha	-	6m	5m
39	Jabuti Maior	S 02° 10'35.7"	W 047°47'04.5"	Igarapé	Afluente do Capim	5m	4m
40	São Miguel	S 02° 11'51.5"	W 047°47'10.8"	Ilha	-	4m	5m
41	São Mateus	S 02° 13'32.6"	W 047°49'11.1"	Comunidade quilombola	-	9m	3m
42	Nauerá	S 02° 14'33.8"	W 047°50'08.8"	Igarapé	-	6m	5m
43	Ve em Deus	S 02° 09'19.5"	W 047°47'37.9"	Povoado	-	7m	4m
44	Mangueirão	S 02° 09'09.1"	W 047°47'34.3"	Povoado	-	5m	4m
45	Aningual	S 02° 08'28.1"	W 047°45'44.4"	Povoado	-	3m	4m
47	Vila Nova	S 02° 08'26.1"	W 047°45'37.8"	Povoado	-	3m	4m

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acevedo Marin, R. E. A. 2009a. Povoamento e sociedades entre os rios Gurupi e Mojú no Pará do século XVIII e XIX, in *Atlas Sociambiental: municípios de Tomé-açu, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará, Paragominas e Ulianópolis*, p.33-44. Belém: Edufpa.
- _____. 2009b. Territorialidades de Grupos Quilombolas. 2009b. *Atlas Sociambiental: municípios de Tomé-açu, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará, Paragominas e Ulianópolis*, p.288-293 Belém: Edufpa.
- _____. Moraes, I. P.; Acevedo, Rosa; Lima, A. P.; Ferreira, E. R.; Marques, F.L.T.; Luz, M.C.C. 2012. Relatório do Projeto de Pesquisa da Etapa I: Levantamento Histórico: Ocupação do Vale do Rio Capim, in: *Patrimônio Imaterial, Território e Memória do Quilombolas do Aproaga*. Belém: UFPA/ IPHAN/ FADESP. 53p.
- Barbosa Rodrigues, J. 1875. *O rio Capim*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional. 52p.
- Magalhaes, M.P. 2000. *Relatório Diagnóstico da Prospecção Arqueológica no rio Capim*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi.
- Moraes, I.P. 2012. Do tempo dos *Pretos d'antes* aos *Povos do Aproaga*: Patrimônio arqueológico e territorialidade quilombola no vale do rio Capim (PA). Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA/PPGA. 237p.